

MEMÓRIA, SABER INCORPORADO E LINGUAGEM NO ESQUEMA DE NORBERT ELIAS!

Edson Farias.

Resumo

Nesse artigo, cotejando concomitantemente as trajetórias biográfica e intelectual de Norbert Elias, a proposta é atentar ao lugar que as categorias de memória e saber social incorporado ocupam no seu esquema teórico-analítico configuracional. Para isto, considera-se a concepção de teoria de conhecimento do autor, a qual tem por núcleo a linguagem enquanto fator a um só tempo biopsíquico e sócio-histórico.

Palavras-chave

Memória. Saber incorporado. Linguagem. Esquema Configuracional.

MEMORY, EMBEDDED KNOWLEDGE AND LANGUAGE IN NORBERT ELIAS'S MODEL

Abstract

In this article, collate together the biographical and intellectual trajectories of Norbert Elias, the proposal is look to place the categories of memory and social knowledge embedded in their play-theoretical analytical configurational. For this, it is considered the design of the author's theory of knowledge, which is the core language as a factor only time biopsíquico and socio-historical.

Keywords

Memory. Embedded knowledge. Language. Configurational scheme.

‡ Versões preliminares deste texto foram apresentadas tanto durante o V Seminário Interno de Pesquisa do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento – Salvador, junho de 2004.

* Universidade de Brasília, Brasil.

Por ocasião de uma entrevista, em meio às demandas dos interlocutores para que resgatasse a memória da sua infância e adolescência vivida em Breslau (hoje, Wrocław – Polônia), no seio de uma próspera família judia burguesa, Elias exaspera-se com uma das perguntas que lhe são dirigidas, exatamente aquela indagando "se sentia mais judeu ou mais alemão?" Direto, responde: "Desculpe, mas essa pergunta coloca um falso problema." Diante da insistência da interlocutora, ele dispara: "Porque essas duas coisas não estavam absolutamente em concorrência. Naturalmente eu era ambos, de maneira existencial, como se diz, de modo nenhum refletida." E mais à frente acrescenta:

[...] O fato de ser alemão não era questionado. Como disse, meu pai era prussiano. Usava o mesmo bigode que o imperador, e tinha um fixador de bigodes que utilizava para retorcer as pontas. Era um ser generosíssimo, totalmente desprovido de falsa rigidez, mas certamente se considerava um prussiano ou um alemão, e eis porque isso era uma coisa que não constituía um problema para mim (ELIAS, 2001, p. 18).

A alusão a esta passagem, creio, sugere sob quais contingenciamentos Norbert Elias se propôs e executou o projeto de escrever a "biografia de uma sociedade-Estado", no caso, a da Alemanha, seu país de origem. Na esteira de uma premissa freudiana, o sociólogo argumenta que: "[...] assim como no desenvolvimento de uma pessoa individual, as experiências de períodos anteriores de sua vida continuam tendo um efeito no presente, também as experiências passadas influem no desenvolvimento da Nação." (ELIAS, 1997, p. 165). Para o leitor razoavelmente familiarizado com os escritos eliasianos, não é difícil entrever até aonde o esquema configuracional, como proposta analítica (processo-relacional), é interna à iniciativa. Além disso, o desafio traduz a incansável obsessão do autor em, ao descortinar as conexões entre termos, flagrar os entes - à maneira da Nação - em sua divinização individual como mito, espécie de fantasia tomada por realidade'. Entende

² Disposto entre a fantasia e o engano, o tratamento dedicado por Elias ao mito mantém a tendência relacional e não substancial e, com isto, o autor pretende apreender a dubiedade dos objetos de conhecimento identificados a essas narrativas. Tudo leva que a crer que uma das inspirações de Elias, a esse respeito, é a iniciativa de Cassirer de perscrutar as conexões

Elias, diferente de poesias e pinturas, as mitologias, ao serem conduzidas ao posto de comando da vida social podem redundar em catástrofes. Isto, na medida em que, frente aos aspectos desagradáveis, como o próprio absurdo da vida, doa-se um apelo metafísico de segurança, estabilidade. Para ele, ao ser sua auto-doadora de sentido, até porque ninguém ou nada mais o poderia fazer, a humanidade acaba refém da própria estripulia, no instante em que os mitos vivificados resolvem tomar partido da vingança, talvez irritados ante o exercício de desumanização, da qual seriam provas cabais.

Eis o ângulo pelo qual Elias quer tratar a problemática das crenças, em especial a crença na magnificência nacional. Aqui o sociólogo atua sobre traços, ou melhor, sobre rastros mnemônicos de sentimentos que singularizam a biografia do homem Norbert Elias. Quem, na verdade - como ele esclarece já no início da obra —, testemunhou ocularmente "por cerca de noventa anos", à medida que se desenrolavam, os acontecimentos relatados ao longo dos capítulos de *Os Alemães*, escrito no final da vida do autor, na última década de 1980, na Holanda.

Sem dúvida, Norbert Elias não foi o primeiro autor a dobrar-se diante do eixo da própria memória e dela fez objeto e fonte conhecimento, buscando o histórico-estrutural no que há de mais pessoal'. O certo, porém, é o seu pioneirismo em remeter a espinhosa discussão a respeito da objetividade nas ciências, ainda mais em se tratando das Ciências Sociais, para a dimensão ambígua do "envolvimento" e da "alienação". Ir por esse caminho, por sua vez, requer o aprofundamento do que toma a teorização eliasiana acerca da linguagem e do conhecimento uma contribuição à epistemologia das disciplinas sócio-antropológicas", Assim o núcleo da proposta neste artigo de

entre mito e estado-nação, em meio ao desfecho da experiência nazista na Alemanha, considerando o tratamento dado às questões do culto ao herói e à raça por linhagens da arte e do pensamento ocidental, como em Carlyle e em Hegel (CASSIRER, 2003).

³ Por exemplo, numa linha de filiação com o Proust *Em Busca do Tempo Perdido*, Walter Benjamin irá retomar a questão bergonsoniana da *Matéria e Memória* no singelo artigo ensaístico *A Infância Berlimense*. Também num diálogo com Proust, acrescentando a interlocução com Freud, Gilberto Freyre saca da infância no solar recifense imagens olfativas e táteis, além de prosas e atitudes de um cotidiano passado, para destrinchar a trajetória e propriedades da estrutura social e modo de vida patriarcal no país, em *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*.

⁴ Ao contrário do que propõe Dias Duarte (2004, p.16), para quem seria Elias talvez o

tematizar o pensamento do autor está no problema em tomo do quadrinômio integração/complexidade/coordenação/diferencialidade. Partimos da intuição de que esta mesma sincronia conceitual percorre de ponta a ponta os escritos eliasianos e encontra em *Os Alemães* um desfecho elucidativo.

Antes, porém, de avançar nos objetivos deste artigo, cabe precisar o ponto de vista adotado. O historiador italiano Carlos Ginzburg sublinha a ambivalência relativa ao paradigma indiciário; ambivalência presente ou quando está acoplado às modalidades de controle social "mais sutis e minuciosas" ou ao se capacitar um "instrumento para dissolver as névoas da ideologia". Se o postulado de um conhecimento sistemático auto-referido teria se mostrado, desde as doutrinas científicas ou do teleologismo historicista do XIX, fonte de mitificações, as quais se inserem na proposta de reter uma "conexão profunda" para explicar fenômenos superficiais, como se fosse a causa direta, sugere o historiador que a idéia de percorrer índices visando totalidades não deve ser abandonada (GINZBURG, 2001,p.177). Acolho a idéia de Ginzburg para arriscar a seguinte especulação. Em se tratando de Elias, a iniciativa de debruçar sobre os vestígios móveis da própria memória, cuja leveza os impelem a direções tão díspares, a depender das condições histórico-existenciais do seu portador, advém da experiência longa de um velho pensador que concluiu, da observação da anatomia e do espírito humano, a concepção de serem as pessoas, em sua complexidade biopsíquica, "fundamentalmente organizadas para viver em meio aos homens, animais, plantas e minerais" (ELIAS, 2001,p. 99). Por isto, compartilhando com o seu princípio de que se deve focar nos desejos

"último sociólogo romântico" em razão da presença de um evolucionismo e da sua "pulsão histórica", como ainda a atenção às "totalidades significativas", a ele está no caudal do desenvolvimento da sociologia em que se aliaram a tradição sentimentalista do humanismo com e aquela de apelo mental-cognocitivista com a tônica depositada na objetividade naturalista. Sabemos por meio de Wolf Lepenies (1996), o quanto se deu de maneira tensa as relações entre elites intelectuais científicas e literárias européias na passagem do século XIX para o XX, sob a esteira dos respectivos movimentos de autonomia dos campos artístico-literário e científico, definindo igualmente modos específicos de produção simbólica. Ao acompanhar os contextos francês, inglês e alemão, nota o autor como em se tratando da sociologia esta tensão imprimiu caracteres bem peculiares, afinal esta disciplina compareceu na figura de uma "terceira cultura", interseccionando propriedades que seriam particulares a cada um de ambos os domínios discursivos.

de uma pessoa para tentar compreendê-las, busca-se expor o argumento de que seu investimento biográfico-sociológico nos conduz ao liame por ele estabelecido entre a concepção de social que abraça (já acompanhada de como define a tarefa sociológica), o esquema teórico-analítico configuracional e histórico-processual e o lugar da triangulação entre memória, linguagem e conhecimento no postulado utópico sobre a quinta dimensão, ou seja, a consciência.

Inicialmente, portanto, é preciso reconhecer o que os sinais mnemônicos eliasianos falam da entrecruzamento da sua trajetória pessoal com percurso da sociedade-nação alemã. Se é permitida a visada retrospectiva sobre a trajetória biográfico-intelectual de Elias, dir-se-ia que a situação de judeu abastado, nascido naquele período em que a afirmação de um Estado unificado germânico - sob a tutela da monarquia absoluta da coroa guilhermina -, facultou um lugar híbrido àqueles estigmatizados pela marca étnica da origem judaica. Ou seja, de um lado, no contexto de instauração de um Estado forte, robustecido pelos aportes de um imaginário belicista, os judeus foram agentes e beneficiários desse movimento que garantiu a pacificação favorável à prosperidade econômica, a qual alavancou a Alemanha de modo acelerado à posição de principal potência continental europeia. No entanto, de outro, os fracassos seculares que antecederam - sobretudo adiando - o estabelecimento do mesmo *II Reich*, pavimentou um caminho cujos sedimentos guardam ressentimentos à espera do momento de coagular ódios, potencializados em condutas brutais teleologicamente orientadas, à maneira daquelas que varreram o cotidiano alemão no decurso

⁵ Este é o critério que informa a alternativa analítico-interpretativa proposta ao estudo da vida de Mozart "Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos. E nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social. Quase todos têm desejos claros, passíveis de ser satisfeitos; quase todos têm alguns desejos mais profundos impossíveis de ser satisfeitos, pelo menos no presente estágio de conhecimento." (ELIAS, 1995, p.13).

das décadas de 1910 a 1940, com revezamentos nos graus de intensidade. A moção que leva ao estudo de *Os Alemães* tem nessas condições, justamente, seu terreno de enraizamento.

Embora crescido numa atmosfera na qual se celebrava valores judaicos pela família e no ciclo de sociabilidade próximo, um e este contexto não foi um óbice, mas ao contrário, estimulou seu ingresso prematuro na cultura humanística alemã. A fase que se estende do seu nascimento - em 1897 - até o alistamento no exército imperial, em 1915, pautou no jovem Elias uma atitude peculiar aos judeus burgueses da sua época. Protegidos pela ordem jurídica que lhes conferia igualdade institucional, estavam tacitamente interditados a atividades implicadas no rol da esfera do poder governamental. Fator que desestimulou o interesse político-partidário por entre tais elos da burguesia. Ao mesmo tempo, o longo treinamento enquanto o "povo do livro sagrado" trouxe gerações de judeus para o labor da disciplina intelectual. O que, no espaço alemão, adquiriu vigor, já que casas principescas devotaram atenção à postura intelectual e isto - ironicamente - deliberou a favor da conformação de um *ethos* de classe compartilhado pelos segmentos alemães médios, naquela época do Iluminismo, em oposição à nobreza local que aspirava reproduzir o clima cortesão francês". Assim, se o ambiente em que cresceu pouco lhe estimulou à política, o mesmo não ocorreu em relação ao exercício intelectual. De acordo com suas recordações, já estudante secundarista no Liceu, Elias diz ter decidido pela atividade de pesquisador. Ora, nas condições da Alemanha da época, apenas no interior da universidade, de posse de um cargo docente, poderia efetivar tal vocação. E, confessa, ter sido justamente ao enunciar este projeto que conheceu, pela primeira vez, a face que até então lhe era ocultada das conseqüências de ser judeu. Um colega de turma rechaça indubitavelmente o seu pleito, alegando:

⁶ O tema abre o livro I de *O Processo Civilizador*, em que são focalizadas disputas sociais entre classes médias e nobreza que estavam na contrapartida da oposição de valores contida nas respectivas idéias de "Civilizacion" e "Kultur", Por sua vez, Ringer (2000), ao rastrear a formação da ideologia dos mandarins alemães fornece um quadro histórico-institucional tanto da emergência das classes médias instruídas na Alemanha, entre 1700-1820, quanto da especificidade adquirido pelo Iluminismo entre as elites intelectuais recrutadas entre esses mesmos segmentos, evocando o resgate dos valores espirituais do cristianismo frente ao primado material que prevaleceria na vertente anglo-francesa da ilustração.

a carreira professoral universitária estava vedada aos portadores da origem judaica?

Talvez, a suspeita do social tenha chegado à consciência de Elias não somente por tal interdito, mas igualmente no enigma em tomo da motivação do silêncio dos seus pares étnicos a respeito daquele anti-semitismo soturno que os rondava, apesar da prosperidade e da equiparidade jurídica. Lembra o autor que, ao ser aludido o tema do preconceito, os adultos tratavam de reduzir seus agentes à figura do "não-culto", do "incivilizado". Parece que o desenho da problemática eliasiana ganha contornos no compasso dos estágios da sua própria biografia. Portanto, insisto ainda nela um pouco mais. A percepção dolorosa do entrave fundamental que lhe fecharia o horizonte da carreira acadêmica, não o fez esmorecer, parece mesmo o motivou. Vai à guerra (de 1914) e, no retomo, abraça a decisão de cursar simultaneamente medicina e filosofia. A persistência em enfrentar as exigências de ambos os cursos é mantida até o momento em que não se fez viável assistir às aulas de filosofia e cumprir as tarefas no estágio médico-clínico. Opta pela carreira filosófica, na qual se doutora sob orientação de Richard Hönigswald. "Venerado" professor (também judeu de origem, médico de formação), Hönigswald teria incutido no noviço Elias uma atitude hostil ao niilismo, em favor do pensamento produtivo, da reflexão movida pela expectativa de encontrar algo novo e irrefutável. Contundente contra o que denominava de "sujeito filosófico", o mestre devotava profunda aversão à linha que galvanizava de Husserl aos existencialistas, passando por Heidegger.

⁷ Leopoldo Waizort (2000) comenta o quanto a dualidade entre assimilação e a exclusão compôs a situação de Georg Simmel, no início do século XX, durante o II Império, mas extensiva a outros intelectuais judeus: "Que Simmel só tenha conseguido sua nomeação como professor ordinário na Universidade de Estrasburgo (sintomaticamente uma cidade junto à França), uma Universidade completamente fora dos mais importantes círculos de influência e prestígio, é a contrapartida da impossibilidade de conseguir um posto em uma universidade importante como Berlim, Munique ou Heidelberg (nesta última Simmel fez uma tentativa frustrada de ingresso em 1908). Decerto Simmel não foi o único, no âmbito universitário prussiano, a sofrer com os problemas da discriminação e do anti-semitismo. Basta mencionar o caso do médico judeu Paul Ehrlich, que ganhou o Prêmio Nobel em 1908 devido a suas pesquisas sobre o sistema imunológico. Ehrlich também foi impossibilitado de obter um "Ordinariat" na recém-fundada Universidade de Frankfurt-am-Main, um ano antes de falecer. Como se vê, um caso semelhante ao de Simmel" (WAZORT, 2000, p.538).

O desfecho, porém, da relação mestre e discípulo fora lacônico. Neokantiano e empedernido do princípio de combater a infiltração de concepções que violassem o valor absoluto dos juízos, Hönigswald sobressaltou-se energicamente quando o jovem Elias hesitara frente à divergência que observava entre duas concepções de homem: a filosófico-idealista e a anatômica-fisiológica. Segundo relata Elias, durante as sessões de dissecação no curso de medicina não encontrava nada além de soberba complexidade da estrutura do cérebro, a qual deixaria concluir ser fundamental o caráter complementar das percepções sensoriais e do movimento à comunicação entre "[...] 'mundo interior' e o 'mundo exterior'", ou seja, a "relação que existe entre a orientação e a conduta de si no mundo mais vasto" (ELIAS, 2001, p. 98). Logo, o problema estava no postulado sobre a dicotomia existente entre um "mundo exterior" e outro "interior" onde habitavam as idéias, os dados transcendentais do *a priori* kantiano. Elias vai revelar seu desconforto com esta imagem de homem e de mundo/natureza que delineia a humanidade na figura de mônadas, portanto, indiferentes ao entorno que seria — opositivamente — sua negação. O deslocamento em direção à sociologia se esboça no abandono da filosofia", E isto se dará na crítica de Elias ao dispositivo normativo filosófico, isto é, ao conceito de "ponto objetivo", caro ao sistema proposto por Hönigswald: "(...) era apenas um elemento de um sistema de sobrevalorização destinado a evitar qualquer objeção crítica a respeito do procedimento elementar da filosofia, ou seja, a redução de processos observáveis no tempo a algo atemporal, imutável, desafiando o efêmero" (ELIAS, 2001, p.98). O dado nevrálgico do desafio consistia na desconsideração do primado kantiano do ponto de inflexão atemporal irreduzível a qualquer experiência (o conceito de vínculo de

§ Há certa semelhança entre as atitudes de Elias e de Durkheim a esse respeito. Em meio ao instante em que se mostravam decisivos os seguintes deslocamentos no debate sobre ordem e entendimento: da filosofia para a ciência social, da razão pura para a razão social, no final do século XIX, o aprofundamento realizado por Durkheim e seus colaboradores nas discussões acerca das categorias do entendimento, dos *a priori*, inserindo-os no concerto histórico sociocultural, ainda que vivido como "natureza" nas representações coletivas, fora sem dúvida radical para a conformação da sociologia como discurso sobre a verdade e disciplina científica autônoma, justamente ao tomar da filosofia a prerrogativa da investigação e interpretação do ordenamento e, no reverso, reconhecer na idéia mesma de ordem um valor, fonte primaz do bem, mais especificamente, o bem coletivo (OLIVEIRA, 1988, p. 28).

causalidade ou de tempo e, ainda, o das leis naturais e/ou morais). Elias considera que o ponto objetivo deveria ser apreendido na simultaneidade de termos correspondentes entre diferentes consciências. Algo assim, para ele, decorreria da proposição de que só "por intermédio de outros homens" um elemento cognitivo poderia "estar presente na consciência de cada indivíduo". Ou seja, tratar-se-ia de um "saber adquirido" que, como tal, pertenceria ao patrimônio de experiências do homem. E como isso lhe parecia irrefutável, conclui assim sua tese de doutoramento. A reação do orientador foi tenaz, ainda que óbvia: considerou falsa a premissa. Estrategicamente, Elias declina do argumento, nuançando as asserções. Obtém o título de doutor em filosofia? e, rompido, com Hönigswald, decide mudar para Heidelberg, na tentativa de ingressar na carreira acadêmica.

A escolha desta cidade devia-se ao conhecimento prévio, por lá ter permanecido durante um semestre, em que acessou à célebre vida universitária local. Na ocasião, pelo contato com Karl Jaspers, pretendia realizar um trabalho retomando a polêmica entre Thomas Mann e os escritores que defenderam a civilização. Contudo, o retomo da guerra e as crises sociais que eclodem na Alemanha, durante a República Weimar, retiram Elias, como afirma, da sua "torre de marfim". A espiral inflacionária havia corroído os recursos de seu pai - aposentado, que vivia da renda proveniente de aluguéis. Isto o empurra para um emprego numa fábrica de tubulações metálicas. Somente com o arrefecer das dificuldades familiares pode voltar aos estudos e, daí, para a Universidade de Heidelberg. Mantinha-se esta, ainda, como uma instituição de ensino superior aos moldes da Idade Média, com predomínio das agremiações estudantis, cuja economia semiótica, composta de insígnias, flâmulas e bonés, estava na contrapartida de uma disposição gregário-hierarquizante dos membros divididos entre veteranos e calouros, enlaçados por um quadro de valores assentados na honra aristocrática, que passou ao largo do estágio cortesão e seu acento no autodomínio prescrito na elegância, no estudo das atitudes orientadas para o polimento em graus exarcebados. Aquela sociabilidade estudantil, segundo o próprio Elias, expunha o processo nacional alemão no qual o caráter nacional – marcado pelo distanciamento entre os raros nacos da nobreza

9 Com a tese *Idéia e Indivíduo. Uma Contribuição à Filosofia da História*, defendida em janeiro de 1924.

cortesã e as *classes médias* - incorporou *crescentemente* o *estilo* guerreiro de explosões violentas, atravessando a classe média, o operariado e, mesmo, os camponeses. Logo se vê que: as prerrogativas "civilizadoras" sobre as quais se ancoravam os judeus, eram tênues, frágeis - o Estado de direito calcava-se em um Estado de ordem belicista-autocrático.

Mas, àquela altura da década de 20 do último século, sob o invólucro alvissareiro da República de Weimar - e o impulso neo-romântico das várias faces expressionistas que oxigenou artes e a filosofia, sobretudo-, Heidelberg *exibiaglamour* intelectual. Além disso, a ruína do Império na contrapartida das liberdades conquistadas com o governo parlamentar-democrático estimulou novos costumes entre os estudantes não-alinhados e mais dispostos a gestos *informais, mostrando-se indispostos (para não dizer críticas) aos critérios da* autoridade estamental ou da burguesia estabelecida, deixando vazar opções à esquerda, no tocante ao espectro político-ideológico. Aliás, na medida em que eram realçados posicionamentos houvera simultânea reciprocidade no recrudescer das posturas direitista-conservadoras. As respectivas colorações ideológicas irão gradualmente se deslocando dos enfrentamentos entre os signos e discursos na direção de choques brutais. A deflagração das milícias, inspiradas nas confrarias (*freikorps*) estudantis do pós-guerra, compõe o cenário de envenenamento da segurança civil, tendo no ascenso do nacional-socialismo o perfil acabado do azedume sociopolítico levando a pique a ordem civil.

Neste mesmo período, *poucos* aceitaram enxergar o *fato* de que as condições democráticas iam sendo trituradas, embora os sinais estivessem sendo emitidos. Sob tal atmosfera, Elias se integrou à comunidade acadêmica de Heidelberg, travando intimidade com aqueles de coloração à esquerda, mesmo não se filiando a nenhum credo político-ideológico. A morte de Weber, o nome mais célebre daquele nicho acadêmico, em lugar de abrir um vazio, aprofundou de uma tradição sociológica em graus mais elevados, que já se desenhava, na roldana das gerações de nomes como o de Tönnies, Sombart, Simrnel, Scheler, Franz Oppenheimer e Troeltsch. Karl Marx comparecia como uma sombra incômoda, ao ser uma referência incontornável no debate sobre as sociedades industriais, em razão do tenso relacionamento entre empresariado e classe operária. Dedicado à leitura desses expoentes, com a finalidade de ingressar na carreira acadêmica - afinal possuía uma formação médico-filosófica -, Elias se aproximara do círculo

de Alfred Weber, irmão de Max Weber e responsável pelo desenvolvimento da área de sociologia da cultura¹⁰. A ocasião proporcionara o encontro com o húngaro Karl Mannheim, *Privat-dozent*, já prestigiado pela publicação de *Ideologia e Utopia*. Elias se mantivera assistente informal de Mannheim, inclusive o acompanhando quando este aceitou o convite para assumir uma cátedra de sociologia em Frankfurt. Diante da situação de terceiro auxiliar, o jovem de Breslau mudara uma vez mais de endereço e se fixa na virada dos anos 20 para os 30 na célebre Faculdade de Frankfurt",

A transferência irá sobressaltar – pela convivência com Mannheim - a problemática da relação pensamento e sociedade, por parte de Elias. A consideração do autor húngaro sobre o caráter parcial sócio-histórico das idéias", na medida em que se aprofundava na obra de Weber, promove em Elias a percepção de que, embora protegido nas provas empíricas e no tom desapaixonado da argumentação, o nome principal da sociologia alemã mantinha laços de engajamento com a ideologia burguesa-liberal!". Uma vez

¹⁰ Eis o momento quando Elias ingressara no dileto salão da viúva de Weber, Marianne. Frequentar e obter respeitabilidade ali consistiam na concretização de qualquer ambição acadêmico-sociológica, em Heidelberg (POLLACK, 1996).

¹¹ A princípio aproximam-se os interesses intelectuais intrínsecos aos projetos de estudo e pesquisa da dinâmica civilizatória do Ocidente tanto em Elias quanto em Adorno e Horkheimer, em claro diálogo com a interpretação freudiana da formação psíquica na modernidade. Ou seja, um e outro atenta à intersecção entre controle da natureza, autocontrole e controle social, na medida em que se verifica o deslocamento da obediência à sanção externa e pontual àquela vivida como consciência - questão mais tarde igualmente abordada por Foucault em *Vigiar e Punir*. No entanto, enquanto na proposta de *O Processo Civilizador* o que está em pauta são as alterações nas condições de aumento e intensificação das cadeias de interdependências sócio-funcionais repercutindo em outras unidades de integração com suas estrutura social e emocionais específicas, em *A Dialética do Esclarecimento* prevalece o objetivo de percorrer a longa duração do curso de produção das consciências racional-instrumentais, indo do senhor de escravo à díade empresário livre e administrador.

¹² A questão fundamental para Mannheim, ao lançar mão do conceito de situação de grupo, é observar a relação entre o desenvolvimento da sociedade e a emergência e prioridade concedida a determinadas idéias. Em lugar, porém de enfatizar a antecendência das classes sociais, importa a correlação de um grupo com um conjunto amplo de determinantes histórico-sociais (MANNHEIM, 1952, p.33-83; para o comentário de Elias à perspectiva mannheimiana, ver ELIAS, 1971, p.149-150).

¹³ A obra em questão é o estudo sobre a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

mais, Elias tinha a oportunidade de voltar à compreensão do social, quer dizer, era tomado de novo pela obsessão de qualificar este objeto. Agora, porém, tratava-se de fazê-lo do interior da teoria sociológica. Dava-se a passagem do filósofo ao sociólogo. Afinal, *ele* sabia que o tema do engajamento e distanciamento dos autores e suas idéias correspondia à perspectiva de partir dos homens e não do homem isolado. Aquilo que antes parecia marginal, na tese de doutoramento em filosofia, ganhava conformidade: “[...] essa necessidade de fazer o indivíduo sair desse isolamento em seu pensamento e ao mesmo tempo de integrá-lo em um modelo conceitual que inscreve o indivíduo na cadeia de gerações, em uma sucessão, constitui sempre, a meu ver, uma das missões centrais da sociologia” (ELIAS, 200 I,p. 111).

A problemática então evidenciada lhe revelara a existência de uma teoria dos processos (ainda que de modo tosco, é bem verdade) embutida na mesma tese de doutorado em filosofia. Raciocinando sobre o nexo indivíduos e idéias na história, naquele trabalho despontariam insinuações entre anterioridade e posterioridade das formas e como pensar tais correlações. O modelo que ali prevalece é o da lógica dialética hegeliana, em que o sistema subordina o processo. Logo, por antecipação da finalidade (teleologia), as seqüências são interligadas. Este esboço de interpretação se redimensionara na formulação da categoria de "organização de sucessão", fundamental à metodologia de longa duração do processo civilizador como dinâmica socioestrutural não-planificada. Com ela, Elias aborda como "um fenômeno posterior decorre de uma sucessão específica anterior". Mas, o traço inovador da proposta consiste no olhar bifronte que...

[...] na experiência dos homens, o que se produziu anteriormente não apenas pode ser colocado como causa do que se produz posteriormente, quer dizer, suas conseqüências, mas que, ao mesmo tempo, e igualmente nas experiências das gerações ulteriores, mesmo o que se produz mais tarde, isto é, as 'conseqüências', tem uma repercussão sobre o sentido no qual o que aconteceu antes é vivido, logo uma repercussão sobre o sentido das "razões" que, por sua vez, ele determina (ELIAS, 200 I,p. 112).

Chega-se, assim, ao núcleo do tema que confere motricidade à obra eliasiana, a saber, o estudo das dinâmicas históricas relativas aos processos civilizadores, tendo por objetivo descortinar a "organização singular dos processos de longa duração e sua diferença em relação às leis da natureza física concebidas como espécie de módulo da história da humanidade" (ELIAS, 2001, p. 112). Segundo o esquema teórico-analítico proposto, interrogar o passado é, sociologicamente, parte considerável, porque fundamental, da tarefa de compreensão da dinâmica sócio-humana. E nesta, a experiência de si, a individualização, é também resultante do devir histórico de uma espécie cuja natureza apenas se realiza historicamente. A concepção de reconhecer a humanidade numa imagem quadridimensional¹⁴ retrata a natureza do método configuracional de Elias, o qual se funda no postulado sobre a capacidade humana de realização de síntese de saberes que resultariam de experiências simbolicamente armazenadas e transmitidas. Algo manifesto na interpretação dada ao tempo como meio de orientação da ação:

O tempo, que só era apreendido no patamar anterior, como uma dimensão do universo físico, passa a ser apreendido, a partir do momento em que a sociedade se integra como sujeito do saber no campo de observação, como um símbolo de origem humana e, ainda por cima, sumamente adequado ao seu objeto. O caráter de dimensão universal assumido pelo tempo é apenas uma figuração simbólica do fato de que tudo o que existe encontra-se no fluxo incessante dos acontecimentos. O tempo traduz os esforços [envidados] pelos homens para se situarem no interior deste fluxo, em que determinam posições, medem durações de intervalos, velocidades de mudanças, etc. (ELIAS, 2001, p. 32).

Mais tarde, no livro *Envolvimento e Alienação*, Elias propõe justamente um modelo explicativo baseado na temática da formação e nesta estão embutidas as questões da síntese, da integração e da desintegração. Neste livro se toma mais oportuna a sua premissa de que a realidade comparece como formações parciais. A proposta decorre da interlocução com físicos vinculados às vertentes cosmológicas, para os quais não se trata

¹⁴ No trajeto daquilo definido como aspiração de consciência.

de saber apenas o "como" dos fenômenos cósmicos, como se estes fossem imutáveis, mas se voltar ao "porquê", às seqüências na transformação desses elementos. Na contramão da concepção fisicalista de natureza, a qual prioriza a imanência estática da vida, é privilegiada a proposta da grande evolução, isto é, uma ontologia histórico-evolucionária no seio da natureza. As demarcações dos grandes campos científicos - físico, biológico e humano - se equacionariam nesta seqüência móvel do turbilhão cósmico. O procedimento que para Elias se define como o mais adequado é aquele que enfatiza os fenômenos estruturados em sínteses evolucionárias, quer dizer, em unidades parciais por se tratar de processos com tendências a plasmarem novos planos de diferenciação e complexidade. Algo assim se traduz numa aplicação diferenciada de categorias e modelos de análise: "nascimento", "morte", "vida", "consciência" e "mente" denotariam e clamariam peculiaridades de planos estruturais de integração acentuada. Portanto, a não ser planejado, o processo evolucionário só se caracterizará no transcurso de etapas. Aquele estágio de maior gabarito de integração deteria propriedades comportamentais e funcionais que, ao serem a ele inerentes, não compareceriam nos patamares mais simples da seqüência parcial das formações cósmicas. E isto exige que o analista entenda, além do funcionamento das unidades parciais mais simples, de que maneira as unidades interativas mais complexas se dispõem funcionalmente, quer dizer, deve perscrutar suas respectivas "modalidades de integração". De acordo com o autor, o "padrão de integração" se toma o modelo explicativo mais adequado quando se estar diante de unidades de maior complexidade. O cosmo, logo, constitui-se de "um processo evolutivo na direção de uma hierarquia progressivamente abrangente de planos de integração entrosados" (ELIAS, 1998,p.286). Assim, mediante o conceito de "síntese avançada", Elias propõe o entendimento das conexões factuais em um longo processo, cujo curso condicionado abarca das moléculas pequenas àquelas unidades altamente organizadas que, por sua vez, viabilizam os organismos unicelulares, para daí chegar "aos organismos com órgãos cada vez mais especializados, capazes de sínteses cada vez mais amplas, até as formações mais complexas - os humanos" (ELIAS, 1998,p.289). Homoiogamente, o conceito de "síntese avançada" é empregado pelo autor com vista a tomar o conhecimento humano como um desenvolvimento em níveis mais abrangentes, indo dos plano físico-químico ao biológico até o sociohumano, num contínuo de transformações encadeando níveis de

complexidade que se referem reciprocamente numa sistemática de interações ascendentes, mas se dispõem em propriedades estruturais diferenciadas. Nota-se que, na abordagem eliasiana de caráter genético, o tema da evolução e do desenvolvimento desempenha um papel central. O seu pleito é de que as diferentes disciplinas tratam de problemas referidos a distintas fases de um processo evolutivo. Ao mesmo tempo em que sua concepção de natureza pressupõe diferentes níveis de coalescências. Apenas à luz desses graus de complexidade e interdependências, Elias julga correto o uso de termos como "ordem" e "desordem" (ELIAS, 1998, p.311).

Se o conceito de natureza em Elias descreve o fluxo (o que lembra a dialética "forma" e "vida" em Simmel), a imagem de pessoa sugerida por Elias define centros de perspectiva capazes de elaborar uma imagem mental em que eventos sucessivos estejam presentes em conjunto, embora sejam claramente reconhecidos como não simultâneos. Imagem que pressupõe seres dotados do poder mimético de aprender por síntese, acionadas e estruturadas na experiência. O problema, para o autor, concentra-se na atitude humana perante o saber que é socialmente elaborado, na dinâmica dialética em que a competência mimética implica na re-elaboração simbólico-existencial do saber incorporado pelas circunstâncias do presente. Mas, igualmente, a mesma competência se tomaria significativa pela intervenção da memória na experiência dos indivíduos, os quais estão interdependentes na sua natureza plástica de mimetizar comportamentos de outros e sob os condicionantes da distribuição de retenções (isto é, meios simbólicos, técnicos e matérias-primas) proporcionadas na relação-processo que envolve, sempre, um encadeamento geracional. Vê-se estar o ponto de elucidação empírica dos estudos nas teias de valências mútuas entre pessoas, as quais são apreendidas enquanto vetores de pressão recíproca e autoc coerção anulando, no seu próprio movimento, as intensidades que as constituem. Para o autor, trata-se de reconhecer os indivíduos nas interpenetrações promovidas pela complexidade interdependente dos seus relacionamentos. Já que assim, entende ele, são modulados os afetos e dispositivos de conhecimento e comunicação e isto ocorre tanto na luta em favor de determinada distribuição de retenções quanto na concretização das partilhas das mesmas.

Neste momento, adquire contornos mais precisos a motivação sociológica interna ao projeto de *Os Alemães*. Afinal, o interesse se localiza tanto na constituição quanto nos efeitos do *habitus* nacional, que para

ele consiste em uma "segunda natureza", ou seja, o próprio saber social incorporado. E isto conduz ao cerne do projeto epistemológico da sociologia para Elias. Neste, o equilíbrio ontológico e ontogenético humano entre engajamento e alienação estaria na contrapartida da atuação do sociólogo, na tarefa de "reconhecer" em que direção se modificam as relações dos homens com seus semelhantes, com eles mesmos e com o que - utilizando uma imagem que representa um nível relativamente alto de distanciamento - designamos pelo nome de "natureza". Nessa perspectiva, a percepção da natureza caracterizada na figura de um "mundo de espíritos" seria revelador de um estágio em que o engajamento humano é elevado. Por sua vez, a concepção de natureza como pura e simples materialidade caracterizaria um estágio em que o distanciamento é maior. Todavia, enfatiza ele serem reversíveis tais percepções, na simétrica medida em que seriam reversível o equilíbrio entre engajamento e distanciamento nos processos sociohumanos (ELIAS, 1998,p.28). Importaria sublinhar a proposição de que o desenvolvimento do saber social modula as condições sócio-ambientais, desempenhando papel decisivo na sobrevivência dos grupos, ao participar na evolução destes. O controle deste saber seria condizente com o controle/autocontrole das próprias condições de sobrevivência em meio à diminuição do gradiente de sofrimento a que o fluxo social poderá submeter as pessoas, em função da sua cegueira estrutural.

Sabe Elias o quanto a sua sinuosa carreira é bem exemplar dos efeitos desses fluxos "cegos", ao serem impessoais. As descontinuidades provocadas pelo exílio, a princípio em Paris, mas que se efetiva na Inglaterra, em 1935, devido à ascensão do nazismo, interrompe o que era um caminho ascendente no interior do campo intelectual alemão. No que restou da década de 1930, graças a recursos provenientes de uma bolsa, ele dá continuidade aos estudos que redundaram no primeiro volume de *O Processo Civilizador*, publicado sem a menor repercussão em 1939, quando Hitler comandava o estafe nazista na invasão à Polónia e iniciava a campanha que conduziu à nação alemã à mais desastrosa entre as suas aventuras imperiais. A continuidade da vida na Grã-Bretanha por mais de 40 anos significou o ostracismo, apenas vencido nos anos de 1970, quando Elias já estava radicado em Amsterdã. Nesta ocasião, com a excelente repercussão do livro *Processo*

Civilizador", então Elias adquire, embora tardiamente, notoriedade e, com ela, a visibilidade da sua proposta teórico-analítica fundada sobre o modelo de estudos configuracionais nos processos de longa duração. Mais ainda. Pôde chamar atenção à problemática da correlação entre a pressão exercidas pelas pessoas sobre si e sobre as outras com as estruturas verbais e mentais dotadas da prerrogativa de orientar as condutas humanas. Como se falasse à luz das lembranças das marcas do tempo em seu próprio corpo, o autor resume o quanto à tarefa sociológica é moldada por e movida pelo estudo dessa coesão:

Ao procurarmos alargar a nossa compreensão dos processos humanos e sociais e adquirir uma base crescente de conhecimentos mais sólidos acerca desses processos - isto já em si constitui uma das tarefas fundamentais da sociologia – confrontamo-nos com uma tarefa semelhante de emancipação. Também nesta esfera as pessoas verificam que estão sujeitas a forças que as compelem. Procuram compreendê-las para que, com a ajuda deste conhecimento, possam adquirir um certo controle sobre o decurso cego dessas forças compulsivas, cujos efeitos são muitas vezes destruidores e destituídos de qualquer significado, causando muito sofrimento. O objetivo é orientar essas forças de modo a encontrar-lhes significado, tomando-as menos destruidoras de vidas e de recursos. Daqui ocorre ser fundamental para o ensino da sociologia e para a sua prática de investigação, a aquisição de uma compreensão geral dessas forças e um momento de conhecimentos seguros das mesmas, através de campos especializados de investigação. (ELIAS, 1980, p.17).

Mas tais palavras precisam ser matizadas, afinal a reflexão possível a partir do saber incorporado também leva o pensador a uma imagem aterradora, à maneira do pesadelo de olhos abertos. Ou seja, a imagem de estar ao telefone, vendo-se cada vez mais obrigado a falar alto e, ainda assim, não ser

¹⁵ Com sucessivas re-edições que contribuíram para que em 1977 o autor recebesse o prêmio Adorno e se tomasse uma celebridade no país de origem e daí para o circuito mundial da sociologia.

escutado por quem está no outro lado da linha. Enfim, o distanciamento se conforma ao próprio fluxo, inviabilizando qualquer proximidade, qualquer diálogo. Uma vez mais, porém, é preciso ser cauteloso, pois segundo a concepção de Elias a respeito da característica bifronte dos fatos humanos, o mesmo distanciamento abre caminho para tornar a própria vida objeto de reflexão sociológica. Aplicado o critério à sua biografia, ele insiste em ver não uma coincidência na ruptura com a medicina psiquiátrica e com a filosofia. A seu ver, o mesmo desconforto se manifestou diante da maneira como psicólogos, psiquiatras e filósofos se dispunham apartar seus objetivos científicos da constituição social da humanidade, isto em nome de uma postura intelectualista. Estaria na contramão de tal postura o esforço de sintetizar nos seus estudos as determinações inscritas na própria trajetória. À maneira de outros notórios nomes da sua geração alemã, a nodosa irremovível da biografia eliasiana é a experiência da ascensão e consagração do nacional-socialismo, o qual trouxe no bojo o programa de eugenia racial, cujo principal alvo foram os judeus. Os pais de Elias foram mortos pelos mecanismos homicidas do Estado nazista. Como assinalado acima, a estada do sociólogo em território inglês interrompe a carreira acadêmica que se anunciava fulgurante. Se a etnia judia o empurrou à diáspora, a nacionalidade alemã o tornou imã à desconfiança britânica, por isso ele chegou a estar detido em um campo de prisioneiros de guerra. As contingências somadas ganharam regularidades e estruturam o destino de Elias como um *outsider*- figura mais tarde explorada por ele intelectual-sociologicamente (ELIAS & SCOTSON, 2000). Acabada a guerra, não lhe restou opção a não ser dedicar-se à docência em escolas secundárias, indo depois ensinar sociologia na universidade de Leicester. Em 1962, o retorno ao continente é possível graças ao convite para lecionar na Holanda e, enfim, voltar à Alemanha, mas como professor visitante -Até a sua morte, em 1990, em Amsterdã, Elias dividiu-se entre o país de origem e a universidade holandesa, tendo uma curta passagem por Gana. À luz deste percurso não soa estranho o projeto de *Os Alemães*. Obra póstuma, coube ao seu editor, Michel Schröter, a compilação final dos ensaios, a qual se desdobra em cinco seções. Escritos ao longo de 40 anos, os textos são alinhavados pela intenção de cronologicamente reconstituir a formação da sociedade-Estado alemã. A tónica recai no período estendido do Iluminismo à época da República Federal ou Alemanha Ocidental.

Nesta altura chegamos ao que mais interessa aqui expor, porque a imagem construída por Elias situa o problema da conexão lógico-sociológica entre ação e estrutura, indivíduo e sociedade, parte e todo, na peculiar maneira de identificar a sociedade-nação como um sujeito dotado de biografia. Estão supostos aqui os termos do eixo categorial básico ao esquema teórico-analítico do autor. Ou seja, na tentativa de perscrutar a correlação entre pulsões e *habitus*, história e estrutura, o autor re-introduz o dueto função e relação, mas em observância à centralidade ocupada pelas categorias de interdependência, interpenetração e figuração social no seu raciocínio. Mas acreditamos que a exploração deste encadeamento conceitual na proposta do autor requer voltar à dubiedade contida na sua concepção de conhecimento, seja como meio de orientação interno ao fluxo em que ocorrem as modulações na distribuição das retenções nas relações sociais ou enquanto forma de entendimento dessas próprias tendências impessoais. O objetivo a seguir é apresentar as linhas gerais do modelo eliasiano, para em seguida enfocar sua discussão específica sobre conhecimento e linguagem, no tocante ao cruzamento entre os temas da economia pulsional e das disposições simbólicas em seu esquema teórico-interpretativo. A escolha se deve ao destaque da premissa sobre o saber incorporado no projeto sociológico de Elias, no qual é descortinada a cumplicidade entre poder e saber:

[...] Em primeiro lugar, é preciso dizer algo acerca de uma tendência predominante que se tem convertido em um obstáculo na hora de estabelecer uma distinção entre a sociologia do conhecimento e sua predecessora, a epistemologia filosófica. A epistemologia filosófica pode ser amplamente utilizada sem que se proporcione uma resposta clara à questão do que é o conhecimento, coisa que não sucede com a sociologia do conhecimento. Porém vamos por partes; em uma primeira aproximação se poderia dizer que o que chamamos de conhecimento é o significado social de símbolos construídos pelos homens tais como palavras e figuras, dotados da capacidade para proporcionar aos humanos meios de orientação. Estes, em oposição à maioria das criaturas humanas, não possuem meios inatos, ou como mais freqüentemente se diz, meios instintivos de orientação. Os seres humanos têm

que adquirir durante o seu desenvolvimento mediante a aprendizagem dos conjuntos de símbolos sociais com seus correspondentes significados e, portanto, retomam de seus antepassados um fundo social de conhecimento. Específicos conjuntos de símbolos sociais significativos têm por sua vez a função de meios de comunicação e meios de orientação e, sem a aprendizagem dos símbolos sociais dotados desta dupla função, não podemos convertermo-nos em seres humanos. Permite-me aludir uma breve caracterização das surpreendentes propriedades dos símbolos com funções de conhecimento: são intercambiáveis. Em um período histórico suas redes de significação podem ver-se remodeladas com o fim de lograr uma simbolização melhor que a que anteriormente existia. Sua rede pode ser utilizada para cobrir áreas e objetos ou para estabelecer conexões previamente não cobertas por eles e, portanto, inimagináveis e desconhecidas até então para os seres humanos, porém podem também languidecer e se degradar até o ponto que as áreas que cobriam podem chegar a ser de novo uma realidade desconhecida e inimaginável. (ELIAS, 1994, p.54-55 - minha tradução).

Ao correlacionar epistemologia e sociologia do conhecimento, Elias fornece elementos para vislumbrar como estariam concatenadas memória, linguagem, simbolização e relações de poder. Ao mesmo tempo, o autor deixa entrever na interpretação sobre o elo das redes de significação com as teias sócio-funcionais os nódulos do seu esquema teórico-analítico. Portanto, acompanhar de maneira mais detida aquela sincronia requer maior atenção' ao seu ponto de vista sociológico, mas considerando os dois fundamentos categoriais postos nas idéias de processo e configuração.

Processualidade e configuração

Tomar a idéia de figuração como ponto de partida da arquitetura teórico-analítica do autor se deve ao fato de ela constituir o núcleo da perspectiva relacional por ele defendida, a qual transcende as fronteiras metodológicas e tem propósitos de natureza epistemológica. Ou seja, Elias

não hesita em trazer ao plano reflexivo a natureza mesma do saber científico inerente à prática sociológica:

Os entrecruzamentos da remissão mútua entre as pessoas, suas interdependências, são o que as vincula uma as outras, são o núcleo do que aqui chamamos de figuração, composição de seres humanos orientados recíproca e mutuamente dependentes. Como quer que os seres humanos tenham um maior ou menor grau de dependência recíproca, primeiro por natureza e logo pela aprendizagem social, estes seres unicamente se manifestam como pluralidades; se se permite a expressão, como composições, figurações. Tal é a razão por que não é frutífero [...] interpretar que o conteúdo de uma imagem do homem é uma imagem do homem isolado. Resulta mais adequado interpretar que a imagem do ser humano é a imagem de muitos seres humanos interdependentes, que constituem conjuntamente composições, isto é, grupos e sociedades de tipos diversos. (ELIAS, 1999, p.36).

Ao implicar necessariamente indivíduos enquanto composições multimodais e, logo, asseverando o psíquico-biológico e o sócio-histórico como dimensões inalienáveis do conjunto humano, Elias faz interceder a importância do olhar sociológico sobre as teias de interdependências entre pessoas. Como vimos, para ele trata-se de conhecer as pessoas nas interpenetrações promovidas pela complexidade interdependente dos seus relacionamentos. Isto tem por contrapartida, justamente, o que acima sublinhamos: para o autor, as formulações conceituais em lugar de abstrações correspondem, ou melhor, devem ser apreendidas enquanto nexos sociais historicamente construídos, expressos em figurações discursivo-conceituais e relativas às implicações dos tipos e meios de conhecimento na condução da dinâmica sócio-psíquica. Logo, ser e pensar estão em uma relação de complementaridade, na qual a figuração daria conta metodologicamente da unidade indivíduo-sociedade, ou melhor, das reciprocidades sócio-funcionais em suas particularidades históricas, mas sabendo-as interagindo no tempo e no espaço com outros encadeamentos sócio-humanos. Vale a pena retomar as palavras do autor, no momento em que explica a idéia mesma de configuração pelo exercício de compará-la a categorias sociológicas afins:

O que diferencia o conceito de figuração dos conceitos pré-existentes com os quais é possível compará-lo, é, em uma palavra, a perspectiva orientada na direção das pessoas - que ele as representa. Ajuda a sair das polarizações existentes, como aquela entre 'indivíduo' e 'sociedade', entre atomismo sociológico e o coletivismo sociológico. Já os termos mesmos de 'indivíduo' e 'sociedade' bloqueiam a percepção. Se se logra realizar o ato de autodistanciamento, se chega à posição desde a qual é possível reconhecer ao mesmo tempo a si mesmo, no nível em que está, como uma pessoa entre outras e a sociedade como figuração que conforma um conjunto de pessoas que basicamente são interatuantes, que dependem um das outras; só então se está em condições de superar intelectualmente a polarização ideológica entre indivíduo e sociedade. A tarefa é tão sensível como a do ovo de Colombo e tão difícil como a transformação copernicana. (ELIAS, 1994a, p.44).

Podemos sugerir uma primeira, talvez apressada, conclusão sobre a proposta de Elias. As questões teórico-metodológicas gerais que delineiam sua angulação analítica (e epistemológica) se concentram na idéia de formação estrutural psíquica. Para isto, cumpre tarefa crucial o olhar sobre a perseguição do desenvolvimento social dos agrupamentos. Deste modo, como em Weber", a evocação da imagem da constelação de elementos concorrentes consorciados de maneira não programada exige a observação das interdependências pelas quais a evolução de uma dada estrutura social,

¹⁶Para exercer o controle sobre o que poderia desviar o rumo da pesquisa científico-sociológica até imperativos baseados em juízos de valor, no perigo espontaneísta da identificação entre cientista e fenômenos, Weber prescreve a recorrência às *conexões causais concretas*, quer dizer, a causalidade legisladora deixa de ser um fim; em seu lugar, trata-se da adoção de um instrumento à *imputação causal* realizada pelo pesquisador, quando seleciona um conjunto de fatores para, combinados enquanto uma *constelação*, ser colocado ao teste da verificação empírica e, só desde aí, implicar ou não no arranjo que se revelou correto à compreensão de aspectos determinados de um fenômeno, em sua singularidade histórico-cultural. Ou seja, o "fim" desloca-se para o resultado, previsto como causa na tentativa de alcançar um saber sobre o significado do fenômeno e sua significação dentro do âmbito conceitual da verdade científica (WEBER/1992, p.132).

tomada separadamente, insere-se na evolução das interdependências sociais, ou seja, interessa enfatizar o concurso de fatores. O emprego da categoria "eu-nós" obedece, portanto, ao propósito de apreender as interdependências sob o prisma da formação e evolução das formações. Ora a finalidade dessa sociologia compreensiva, na contramão do relativismo ou do apelo trans-histórico, é apreender as manifestações traduzidas nas categorias de síntese e integração. Com ambas as idéias, o autor vai à procura das redes de interdependências que constituem o contexto das decisões e margens de manobra das pessoas. Decorre que o conceito de configuração porta uma dupla crítica: às teorias da ação, mas também se indis põe frente ao postulado da harmonia intra-sistêmica, além de a proposta configuracional indispor-se com os esquemas estruturalistas. Por outro lado, no instante em que compreende indivíduo e ordens sociais enquanto encadeamentos e unidades psíquicas que tornam possíveis a manutenção da natureza das relações sociais, toma-se claro o confronto de Elias com a espinhosa temática da liberdade e da determinação. Sua investida nessa seara conta com o anteparo especulativo – de nítida inspiração weberiana. A premissa fundamental é a de que a liberdade é proporcional à retenção de recursos em um complexo de interdependências, o mesmo em que são designados determinados aspectos como significativos, devido ao quadro valorativo e as grades classificatórias em vigência. Diante dessa prerrogativa metodológica, a tentativa é estabelecer o distanciamento das polaridades conceituais rígidas, tais como "liberdade e determinação" em favor de problemas de equilíbrio. Ou seja, o emprego de sinais analíticos como balança/distribuição de recursos de poder sugerem a potencialização e as condições de potencialização nas relações de poder.

Fica evidente o quanto a questão do poder ocupa – ainda nas trilhas de Weber - posição decisiva na proposta de compreensão sociológica eliasiana, à medida que a forma de imputação de específico sentido corresponde, a um só tempo, luta social e concretização das partilhas dela resultante. Daí porque ele opta pela categoria de "campo de dominação" (ELIAS, 1987), observando o conglomerado de indivíduos interdependentes agindo entre si e/ou uns contra os outros. Eis a pressão e a densidade proporcionais inscritas no campo e estas anulam as intensidades que constituem, no seu próprio movimento. Isto é, a reputação é a contrapartida do esforço de imputação de sentido. Nesses termos, pressão e autopressão portam o problema referente

ao autocontrole na contrapartida da possibilidade de controle por parte e entre os agentes da situação de reciprocidade.

Computadas resumidamente algumas das facetas da idéia de configuração no autor, podemos concluir residir a especificidade do tipo de orientação metodológica por ele sugerida na exigência de situar as propriedades da evolução que geram determinada teia de reciprocidades. O que, por sua vez, traz como demanda a atenção ao curso do movimento sócio-histórico de um conjunto amplo de interdependências, deixando patente que o objetivo implícito é tomar a humanidade como processo coletivo de longa duração. Questão esta que remete, em última instância, à maneira de pensar sociologicamente a problemática integração/coordenação no alongado histórico das figurações de indivíduos. Vale ressaltar, porém, o quanto importante é para Norbert Elias entender tempo e espaço como sínteses sócio-históricas e qualidades. Quer dizer, são avaliadas como objetividades que informam modelagens dos impulsos humanos e, igualmente, constituem estimas, auto-imagens e identidades. Temos, assim, dois níveis analíticos. Primeiro, aquele do exercício (lançando mão do jargão de Giddens) hermenêutico da compreensão social cotidiana. Mas, fundamentalmente, também cabe ao analista proceder a crítica no nível epistêmico-filosófico da segunda hermenêutica, ou seja, exatamente àquele correspondente às elaborações dos sociólogos sobre as realidades que tomam por objetos". Deste modo, o empenho etnográfico configuracional e histórico-processual é indissociável do esforço de autocompreensão e compreensão da rede na qual se inscreve o intérprete.

Com isto, toma-se adequado sugerir os seguintes traços delineadores do modelo teórico-analítico de Norbert Elias: ao buscar clareza nas figurações como relações entre indivíduos no jogo social, viabiliza-se o conhecimento

¹⁷Argumenta Giddens (1978, p.15) que a sociologia estuda o membro humano da sociedade como aquele competente para, nas situações rotineiras e em seus gestos espontâneos, lançar mão de conhecimentos já elaborados em teorias da prática. Seríamos, portanto, todos "teóricos sociais práticos" que, para tornar viável a interação, recorremos ao "conhecimento mútuo" que nos torna inteligíveis, logo, reconhecíveis ao outro do encontro interativo. Conclui o autor que, com raras exceções, essas mesmas situações não são passíveis de correção pelas teorias sociológicas. Ao contrário, aos sociólogos cabem partir delas para dar curso a qualquer investigação, mas principalmente para compreender sua própria conduta pelos esquemas interpretativos visando "entender" a vida social.

das redes que tecem os indivíduos na figuração. Tal precisão das redes resulta em apreender a escala entre as menos complexas às mais complexas. Desde este ponto é possível verificar os processos de competência, na esteira mesma em que se apreende e qualifica a diferenciação das funções nas cadeias de competência.

Vê-se que, enquanto traço básico ao esquema teórico-analítico do autor, pela ênfase aí depositada no tema da sociogênese, o processo de longa duração consiste tanto em um conceito quanto no núcleo do método - e a construção mesma do conceito não está isenta de complexidade. Isto porque, se a idéia de formação envolve a composição de fatores inseridos no desenvolvimento que a identifica, a complementaridade necessária à categoria de figuração no esquema de Elias é o conceito de processo de longa duração. No princípio da sua carreira, assinalamos antes, ainda utilizando ferramentas provenientes da filosofia - na década de 1920 -, o autor se ocupava do lugar da pessoa na história. Desde então, voltou-se para a iniciativa de rastrear o problema da ordem diacrônica das seqüências dos eventos e episódios, isto é, dos processos sociais de longa duração como ordens *sui generis*. Como ele próprio revela, no início manejou com tal proposta atendo-se apenas aos processos do pensamento (conceituais), como se tratassem estes de uma seqüência de causa e efeitos; os últimos tomar-se-iam causas de novos efeitos, sucessivamente. Importava-lhe, na ocasião, ver nesses movimentos, no quadro compósito das ações e inações, isto é, uma estrutura da história humana. Não resta dúvida sobre a proximidade dele com autores como Hegel, Comte e Marx. Entretanto, em relação ao último, o que os diferencia é a crítica elisiana à tese a respeito da determinação exercida por uma esfera nessa dinâmica. Insiste Elias na impossibilidade de verificação empírica de igual determinação unilateral; ao contrário, afirma ele, observa-se a composição seletiva entre diversas esferas de convivência humana no desenvolvimento de condições sociais. Por exemplo, conflito entre estados ou entre tribos. Ou, ainda, as correlações estabelecidas com os meios de orientação da ação (conhecimento) e os dispositivos de expressão-comunicação.

Por outro lado, destacam-se os contornos de um mesmo projeto teórico de releitura de categorias tradicionais. Contudo, em lugar de fomentar conceitos isolados, a busca tem por alvo conexões entre os conceitos e, concomitantemente, a iniciativa de cotejar os processos com os quais os

conceitos se expressam e se auto-sustentam na realidade das sociedades complexas. Nesse sentido, a "autonomia relativa" corresponde à proposta de que cada conceito detém a especificidade do seu conteúdo. Sua autonomia, porém, está correlacionada a outros conceitos, da mesma forma que sucede aos conceitos de figuração e longa duração. Tratando-se, logo, de uma síntese progressiva. Voltamos, uma vez mais, à explicação oferecida pelo próprio Elias:

As estruturas sociais são estudadas como mudanças das figurações humanas no longo prazo. Sua dinâmica é impulsionada pela disposição das figurações humanas. A disposição da competência assim como as cambiantes formas concretas desta, por sua vez, explicam-se a partir das tramas que conformam os homens involuntariamente. A estrutura que a apresenta o processo de longa duração mostra uma direção: os homens integrando figurações cada vez mais complexas e internamente pacificadas. A crescente complexidade das figurações humano-sociais é uma chave de diferenciação de funções que se reflete no prolongamento das cadeias de interdependências. (ELIAS, 1993, p.16).

É forçoso reconhecer estarem o conhecimento e sua validação epistemológica referidos, no esquema do autor, ao "que" e ao "como". Em razão deste critério procedimental, o conceito de desenvolvimento decorre menos do problema de alterações no plano da técnica e das instituições e mais, trata das mudanças nas pautas de emoção humanas. A conexão entre processo de longa duração e suas reverberações nas alterações das estruturas de ações introduz, para o autor, a observação capacitada a verificar quais mudanças afetam ou não, na longa duração, a estrutura social, sobretudo no que diz respeito ao aumento ou a complexidade das redes de interação. Aponta, assim, a uma estrutura de movimento apenas reconhecida no extenso curso histórico, não tendo compromisso com as normas idealistas do historicismo e tampouco com o que ele supõe serem concepções estáticas do social, à maneira daquela contida na concepção de "sistema social" de Talcott Parsons, para quem o modelo de unidade de normas e valores na totalidade sistêmica teria contrapartida, no mundo social, no Estado nacional democrático. Portanto, Elias procura as categorias com determinações nos

processos estruturais das mudanças sociais. Seu procedimento metodológico parte da multiplicidade dos fatos às estruturas de interdependências. Desde aí investiga os processos nos quais se integram múltiplos vestígios isolados (Elias, 1993,p.98). O procedimento analítico em Elias toma, enfim, um fato concreto e articula suas reflexões sobre o tema pesquisado com aquelas referências a processos sociais abarcando diversos outros fatos. Desse ponto, ele estabelece nexos ressaltando a autonomia relativa dos fenômenos. Em seguida, relaciona a investigação histórico-empírica com o aprofundamento teórico. A conjunção entre constatação epistemológica e observações singulares responde aos requisitos de prova e revisão, inscritos no modelo teórico adotado na análise de preciso fenômeno. O passo seguinte, portanto, é compreender o fato na cadeia das séries distintas de níveis de integração e os efeitos que podem daí se sucederem. Já que é seu propósito voltar-se às inter-relações entrelaçadas das figurações como rede de movimentos, à semelhança de Hegel, o método sócio-genético em Norbert Elias é definido pelo automovimento do conteúdo. Porém, diferente do filósofo, o sociólogo opta pela elasticidade em lugar da contradição. Isto o permite operar com as alternâncias, a variabilidade e a ambivalência com a finalidade de apreender a multifacialidade do objeto. E este consiste, para o autor, na consciência e no pensamento humano, quer seriam partes constitutivas da sociedade humana. Logo, a convivência humana estaria influenciada pelo que as pessoas pensam e de que forma pensam. Desta maneira, a abordagem pretende apreender as estruturas de personalidade e sua expressão em distintas figurações, na medida em que a proposição fundamental é a de que a personalidade depende de outras no escopo de processos de interdependências. Assim se toma incontornável o recurso à psicogênese e à sociogênese.

Ambas as fórmulas da sua metodologia foram oriundas dos estudos histórico-empíricos sobre a "dinâmica" do Ocidente, distribuídos nos dois volumes de *O Processo Civilizador*, obra em que o autor afirma: "No curso do processo civilizatório se transformam as estruturas dos indivíduos em um sentido concreto. Isto é o que quer dizer na realidade o conceito de 'civilização' no sentido fático em que é utilizado neste trabalho." (ELIAS, 1993, p.80). Considerando o conceito de civilização, note-se que a construção da teoria e sua posterior comprovação se fazem com base em realidades específicas como fonte de processos concretos. Assim, os conceitos devem ser vistos empiricamente e são entendidos como processos. É desta plataforma

doutrinária *que* parte para concluir a respeito da individualização; *conclui* consistir esta na "lei fundamental da psicogênese" em que o movimento de auto-contenção dos afetos reproduz na história do indivíduo as "fases da história social". Fases em que se destacam os esquemas polifacetados no conjunto da orientação do comportamento e da trama geral das funções psíquicas. Em sintonia com a complexificação ampliada das redes de funções, isto é, dos equilíbrios nas balanças de poder nas valências de reciprocidade e conflito, o gabarito da intemalização dos medos corresponde ao coeficiente da interiorização dessas mesmas redes que modulam a personalidade.

Competência simbólica em dinâmicas histórico-sociais

À luz da exposição do seu esquema analítico, percebe-se que, para Elias, ser e pensar estão em uma relação de complementaridade, na qual o recurso à noção de figuração dá conta metodologicamente da unidade agência e estrutura, ou melhor, das reciprocidades sócio-funcionais em suas particularidades históricas, mas sabendo-as interagindo no tempo e no espaço com outros encadeamentos sócio-humanos. Enquanto figurações discursivas, os conceitos não podem ser tomados e analisados a partir de estreitos recortes disciplinares. Afinal, o tratamento - diz o sociólogo - seria artificial na medida em que as conceituações são expressões da realidade que nelas se sintetiza. Neste sentido, no rastro da proposta hegeliana³⁸, para o autor, se os conceitos constituem sínteses de processos de apropriação do real em obediência a múltiplas determinações, o objetivo da tarefa intelectual-sociológica consiste na busca e construção da essência histórica. Mas, frisa ele, a essência histórica está em sintonia irremediável com a prioridade posta na validação empírica das especulações. Sob esse aspecto, a idéia mesma de relacionalidade desempenha papel central no seu esquema teórico-analítico. *Em A Teoria Simbólica* (ELIAS, 2002), a discussão sobre síntese e integração, estreitada na reflexão de Elias sobre a conexão memória e conhecimento, tem seu ponto de amarraço justamente na saída encontrada pelo autor para

³⁸ Para Hegel, a conceituação diz respeito ao movimento do espírito em direção ao absoluto e isto significa que a tarefa suprema da filosofia está em apreender, expor e definir as tantas configurações que assume a apresentação de si do espírito e da natureza. Por isso, o conceito intervém desvelando todas as determinações que em si existem em uma e outra, mediando tais particularidades ao universal (ver HEGEL, 1968, p.368).

a temática dos nexos histórico-sociais e biopsíquicos na conformação da condição humana. Vejamos em linhas gerais o encaminhamento dado à questão do simbólico pelo autor, atentando mais precisamente à centralidade conferida ao problema do nexo **linguagem-conhecimento** na confluência entre evolução e desenvolvimento na **espécie** humana, sob o prisma de um olhar de longa duração.

O recorte atende em grande medida o interesse em refletir sob quais condições a linguagem se tomou uma prática dotada do significado norteador de sentidos para outras práticas e participa da autonomia de algumas categorias dos fluxos vitais. O autor condensa esses princípios com o somatório das pesquisas realizadas **ao longo de extensa experiência**". **Predomina no texto duas prerrogativas. De um lado, ao inserir o tema da** formação dos símbolos em um quadro evolutivo amplo, ele quer escapar dos modelos de ênfase sincrônica em que se prioriza o plano textual e discursivo; opta por um modelo no qual o acento na dinâmica é aliado do objetivo de entender os ajustes entre interesse e estrutura social, emoção e racionalidades. Por outro lado, há a tentativa de evitar a fragmentação do saber em disciplinas; especialização que se **daria** mais em virtude principalmente das lutas institucionais associadas aos pugilatos envolvendo planos extra-acadêmico, intelectuais e científicos. Nesse sentido, o recurso à categoria de "autonomia relativa" obedece a uma dupla intenção. Ou seja, tanto acessar a maneira pela qual a produção e produtos do conhecer humano galgaram independência dos seus artífices diretos quanto vislumbrar a trajetória das instituições que, ao se especializarem, consagram posição funcional auto-suficiente com a delimitação dos seus raios de alcance no bojo complexo das sociedades modernas. Sobretudo, porém, a idéia de autonomia relativa lhe permite tomar as específicas disciplinas como angulações de um mesmo prisma, na medida em que as compreende desde o quadro sinóptico da interdependência em graus variados de integração dos processos, relações e estruturas sociais. Nódulos centrais do seu esquema, síntese e integração são os dispositivos conceituais chamados para a abordagem multimodal realizada pelo autor.

Assim, o tratamento conferido ao tema da linguagem cumpre decisivo papel no interior da proposta do seu modelo sociológico das ciências de

¹⁹ A obra é uma das últimas na fileira dos seus estudos.

um tipo realista. Modelo em que, vimos, cada disciplina se ocupa de um nível relativamente autônomo de integração. Logo, a proposta se inclui no entendimento que tem Elias a respeito de uma sociologia do conhecimento, a qual por sua vez evoca a perspectiva sintético-processual para enfrentar o legado histórico-cultural da filosofia do conhecimento com sua ênfase na concepção individualista do sujeito epistêmico. Em outros termos, a sua formulação consiste na apreensão da formação e da dinâmica dos símbolos em uma seqüência de desenvolvimentos das configurações encadeadas em graus de complexidade. Isto significa que os símbolos são por ele considerados meios apreendidos de comunicação, para isto os entendendo em um quadro de síntese evolutiva e este contém o desenvolvimento social como prosseguimento da evolução biológica e físico-química em um plano elevado de complexidade (ELIAS, 1998).

Dentro desta concepção, enlaçando configurações e processos, a temática do tempo ocupa posição relevante, afinal se situa entre a propriedade de corresponder a um meio de orientação da ação, mas, igualmente, trata-se de um símbolo dotado da característica de estocar sínteses de conhecimentos apreendidos na socialização e integração dos agentes, à medida que estes passam ao exercício das funções de controle das pulsões corporais, por estarem ancorados nas condensações acumuladas nas fórmulas simbólicas. Nesse sentido, a temporalização condiz com o movimento humano de dotar o fluxo vivencial de sentido (direção e significado). Com isto, a experiência compõe os fatores seqüenciados de acordo com o tipo de evolução que dota a dimensão hominídea da vida (enquanto patamar já elevado da complexidade cósmica) de uma plasticidade em relação às pautas de determinação natural. Fica a cargo da natureza social, afirma Elias, a disposição para o estabelecimento de conteúdos e formas de reconhecimento e entendimento. No reverso da medalha desse ponto está a deflagração dos mecanismos de coordenação das funções corporais na montagem dos gestos enquanto expressões e comunicação.

Portanto, à maneira do espaço, o tempo resulta de uma longa aprendizagem com implicações entre níveis de síntese e sua adoção como função de coordenação social e modo de comunicação intra-humana, além de representação simbólica de vasta rede de relações (ELIAS, 1998). A temporalização compreende, então, a atitude, ou o gesto, de abarcar em uma só representação acontecimentos que não são experimentados como simultâneos.

Na contrapartida, a espacialização corresponde a relações de posições imóveis, referidas às respectivas posições de outros indivíduos e conjuntos humanos. No que concerne propriamente à questão do desenvolvimento, se estabeleceria entre as sociedades com graus menos elevados de complexidade das relações sociais, em suas instâncias diferenciadas, o predomínio de concepções mais pessoalizadas de tempo em concomitância com aquelas concepções descontínuas. Já naqueles conglomerados mais complexos, o alargamento das cadeias de interdependências e da diferenciação funcional compeliaria a concepções mais contínuas e impessoais de tempo. Segundo o autor:

Nas últimas sociedades, as pessoas, muito auto-controladas, precisam de se ajustar umas com as outras para corresponder a teia de contatos e de necessidades sociais cada vez mais intrincada, o que, para ser conseguido com maior rigor e previsibilidade, exige um cálculo do tempo socialmente padronizado e baseado em símbolos de nível elevado," (ELIAS, 2002, p.67).

Não resta dúvida quanto à dívida de Norbert Elias para com Durkheim, mas mais ainda com a chamada geração designada de "síntese moderna". Geração de autores evolucionários que, entre as décadas de 1940 e 1950²⁰, conheceu relativa notoriedade ao defender ser a "sociedade" um fenômeno não redutível a quaisquer componentes físico-químicos e biológicos que nela estão inscritos. Para aqueles autores, a sociedade humana corresponde a um "nível integrativo superior" de evolução, patamar no qual a transmissão do conhecimento e a aprendizagem desempenham crucial papel nos encaminhamentos das destinações da espécie e, desde aí, dota a humanidade de posição específica na continuidade evolutiva, dirigindo esse mesmo processo. E isto, em razão da singular propriedade dessa espécie em simbolizar, reverberando na composição de auto-integração de indivíduos e, igualmente, de unidades sociais" em cadeias estendidas desde bitolas

²⁰ Pouco se sabe até que ponto Elias absorveu as idéias desses biólogos sediados na Inglaterra, mas é evidente o quanto eles o inspiraram. Basta ver duas das propostas: "nível de organização" social em Needham; "campo de integração psicossocial" por Huxley.

²¹ O que ele denomina de auto-compreensão e imagens "eu-nós".

locais àquelas de estatura mais abrangentes. Deste modo, a *Teoria Simbólica* encerra a pretensão multidisciplinar de aliar a compreensão da evolução biológico-cósmica no entendimento do desenvolvimento social, em que se conforma um modelo bio-sociológico e histórico de análise dos símbolos. Pois, perseguindo o trilho da premissa de serem padrões sonoros tangíveis, Elias advoga que os símbolos equivalem à síntese de toda condição humana, enfocando esta sob o modelo de desenvolvimentos sociais que prosseguem no cego curso cósmico-evolutivo", Transcrevemos a passagem em que apresenta o seu ponto de partida filosófico, por se tratar de uma ontologia relacional indisposta ante as soluções dicotômicas:

Os problemas explorados pelos cientistas sociais e as soluções que eles descobrem são construídos com base em conceitos de um nível muito elevado de síntese, acerca dos quais raramente se colocam questões. Eles são utilizados, normalmente, como se fossem uma propriedade inalterável da humanidade e, em sociedades como a nossa, assumem, muitas das vezes, a forma de uma antítese bipolar como "natureza e cultura", "corpo e mente" ou "sujeito e objeto". Se a natureza e a cultura ou a natureza e a sociedade forem entendidas desta maneira, poderá ser difícil acompanhar o argumento aqui desenvolvido. É, decerto, possível que a cultura humana siga um caminho oposto ao da natureza humana. Por outro lado, a constituição dos seres humanos exige que os seus produtos culturais sejam específicos da sua própria sociedade. A sua maturação biológica tem de ser complementada por um processo de aprendizagem social. Se eles não tiveram qualquer oportunidade de aprender uma língua, a sua disponibilidade biológica para apreender permanece inutilizada. No caso humano, longe de serem opostos polarizados, os processos biológicos e sociais só podem ser efetivos se estiverem interligados. (ELIAS, 2002, p.07).

²² Uma vez mais, é possível detectar a ressonância da proposta de Emest Cassirer de entender as formas simbólicas como estágios dos desenvolvimentos mediante os quais se dá o delineamento da consciência (CASSIRER, 2001).

Desde já está claro o desconforto de Elias em relação às repercussões na área própria do conhecimento científico do tipo de visão de mundo cuja característica insiste em cindir "natureza" e "cultura". Nota-se o seu repúdio à divisão do trabalho intelectual nas ciências humanas, a qual departamentalizaria de tal modo fenômenos afins em obediência à velha divisão entre "corpo" e "alma". Particularmente o incomoda a maneira como essa fragmentação debita do conhecimento o que para ele é o arranjo paradigmático da experiência humana, isto é, o complexo formado por conhecimento, linguagem, memória e pensamento. Sua tentativa é, então, direcionada a superar o que denomina de o "*habitus* da tradição filosófica humanista", no qual prevalece a aceção herdada de Descartes e Kant de que os fenômenos devem ser explicados no recurso a fatores causais. De acordo com tal pressuposto, o predomínio da idéia de causalidade-efeito encontra respaldo no postulado sobre a pré-existência de um fator que, isolado, determina o contingenciamento dos acontecimentos e possibilita conhecê-los. No entendimento de Elias, quando Kant designou tais condicionamentos de *a priori* transcendentais, capazes de conferir unidade causal à variedade de problemas em razão mesma da estrutura intelectual da mente humana, ele deu a forma mais bem acabada a esse modelo normativo do entendimento do raciocínio humano. Os *a priori*, enquanto faculdades transcendentais, são apresentados como condições intrínsecas à experiência da inteligibilidade humana e as conseqüências da consolidação deste modelo antecipariam o tipo de postura e o perfil das próprias deliberações a respeito do alcance possível da conexão entre conhecimento e linguagem. É oportuno retomar suas palavras, na medida em que expõe a interpretação otimista do vínculo em Kant de uma concepção de natureza humana centrada na idéia de mente e a tônica depositada na incomensurabilidade do sujeito. Ou seja, sede da inteligência pela capacidade de sintetizar experiências e, logo, permitir a comunicação, a unicidade da razão adequaria a multiplicidade variável do mundo às prerrogativas de instrumentalização a favor do sujeito:

O transcendentalismo de Kant teve graves conseqüências. Ele implicava que os seres humanos nunca poderiam saber se o mundo possui todas aquelas características que parece ter quando atravessa a consciência e a razão. Por que, nesse caso, adquire algumas propriedades que são pré-determinadas pelas características da própria mente

humana. Segundo Kant, o raciocínio humano não possuía a capacidade de adaptar-se a todos os tipos possíveis de experiência. Não era infinitamente variável para estar em conformidade com a multiplicidade do próprio mundo. Como uma forma de orientação, o raciocínio humano, segundo Kant, tinha limites definidos. Somos compelidos a adequar as nossas experiências a um padrão pré-determinado ditado pela natureza humana. A força constrangedora da expectativa de encontrar soluções para todos os tipos de problemas sob a forma de uma relação causa-efeito pode servir de exemplo. Ela não provém da natureza dos objetos do raciocínio, mas sim da natureza dos sujeitos. De forma não intencional, Kant foi o promotor do relativismo filosófico. (ELIAS, 2002,p.10).

Por reconhecer **este** modelo como um *habitus*, isto é, uma "compulsão social", Elias deixa **evidente** sua opção por uma abordagem do mundo como história, em que a imagem priorizada não é de regularidades imutáveis, mas sim aquela de uma estrutura de "mudança seqüencial incessante numa ou duas direções complementares" - algo que lhe permite concluir: "natureza" e "sociedade" ou "cultura" e "história" são formas de selecionar e ordenar as percepções que compõem o arsenal lingüístico de um código. E este pode definir o mundo, tal **como** se dá no modelo acima descrito, como uma parte mutável (ou seja, histórico-social-cultural) e outra imutável (natureza). O autor aposta no que, entende, ser outra direção. As discussões sobre a linguagem são elementares a respeito e, nas linhas ulteriores, me atenho à sua proposição.

Com referência ao tema símbolo-linguagem, Elias observa que a dicotomia natureza *versus* cultura toma vulto no momento em que tradicionalmente os **estudos** primam em partir de um sujeito falante isolado, dotado desta competência lingüístico-simbolizadora e que, em um gesto, seria capaz de apanhar **do** nada determinados temas de conhecimento. Sujeito que, então, colocar-se-is à procura de respondera a questão de saber "como é que estes temas podem desempenhar a sua tarefa de transmitir conhecimento de uma pessoa para outras e de como é que tal pode ter um significado que corresponda ao objeto **da** transmissão do conhecimento." A seu ver, o hábito

filosófico de pontuar um início instaurador é recriado nessa postura do modelo lingüístico de priorizar um ego generalizado de natureza epistêmica e falante". Na contramão, Elias sugere compreender a linguagem – tal como o conhecimento – enquanto "um processo contínuo, despojado de início e fim, sem rupturas abruptas ou residuais". Ter-se-ia um fluxo incessante de linguagem e conhecimento; nele transcorreriam os meios padronizados de comunicação e de orientação, os quais são mantidos igualmente por estandardizadas técnicas e estas podem ser ou não reconhecidas como padrões de regulação dos exercícios de expressão. Com isto, o autor acentua o que lhe parece estar fundamentalmente em jogo: a capacidade de controlar padrões de conhecimento e de fala é, em grande medida, simultânea ao coeficiente das distribuições de poder em determinado arranjo social. Logo, ficam decalcados no desenvolvimento e nos acervos de saberes de cada sociedade, seja os vetores integrativos, seja os de desintegração.

Fossemos recapitular o até agora explanado, podemos dizer que Elias reconhece os seres humanos como evolutiva e historicamente dotados da capacidade de realizar uma cooperação informada e planejada". E

²³ Logo, para o autor, não se trata de reter nas manifestações simbólico-comunicativas sintaxes, pretendendo ir às regras subjacentes a todo aprendizado e ao pensamento; regras que as habilitam o indivíduo humano à fala inovadora permanente, mas consistente e adequada aos contextos de interlocução, não circunscrita aos determinantes do estímulo. Escapa-lhe o que, vimos, Chomsky a certa altura denominou de "gramática universal", modelo com o qual pretende entender os princípios determinantes da formalidade reguladora da língua e isto corresponde à busca da "natureza das faculdades humanas". Igualmente, Elias coloca em suspeita a premissa habermasiana do conceito de agir comunicativo, já que pressupõe a linguagem como meio de entendimento "sem abreviaturas" pelo qual o sujeito da competência falante universal, inserido em um mundo pré-reflexivo se coloca na "negociação" da validade das suas proposições.

²⁴ Já é bem conhecida a interpretação de Clifford Geertz do impacto dos modelos simbólicos na modelação do complexo nervoso e mental humano, orientando-os: "Para tomar nossas decisões, precisamos saber como nos sentimos a respeito das coisas; para saber como nos sentimos a respeito das coisas precisamos de imagens públicas de sentimentos que apenas o ritual, o mito e a arte podem fornecer." (GEERTZ/1989, p.96). Um ponto de vista semelhante tem sido cotejado mesmo na área da antropologia física e da paleontologia. Por exemplo, ocupado do "mistério" que cerca o desaparecimento do homem de neandertal, o paleontólogo espanhol Juan Luis Arsuaga envereda pela crescente humanização dos homínidos à medida que este adquiriam "capacidade de expressão simbólica", enfim, de atribuir significado às coisas e fazer usos desses significados (ARSUAGN2005).

isto em referência à característica do processo de conhecimento, de cujas propriedades (linguagem, memória e aprendizado) são potenciais tanto individuais como coletivos. Assim, ele toma o crescimento da humanidade como matriz do crescimento do conhecimento, já que a humanidade seria o único grupo vivo a poder colocar questões. Trata-se esta de uma forma lingüística específica, estando muitas das vezes como ponto de partida para um novo conhecimento. Há um desapego, desse modo, à concepção fisicalista de natureza, no interior da qual o objeto está em muito associado com a idéia de objetos inanimados. Elias extrai desse alinhamento os impasses gerados pelo enfrentamento entre conhecimento realista e fantasia, tal como se dá na experiência das sociedades pós-cartesianas. Nesta, os quadros de idéias sustentariam o postulado de que a dúvida, como motor do aumento exponencial do conhecimento, portaria, igualmente, as incertezas em relação ao nexos de correspondência entre os símbolos científicos e o "mundo real". Mas, fundamentalmente, esse mesmo dilema chama atenção ao conjunto indissociável reunindo os esquemas cognitivos, os campos de conhecimentos, as estruturas sociais e os discursos públicos, quer dizer, os usos sociais dos significados:

As sociedades como a nossa, com profissões solidamente estabelecidas, produzem, em geral, mais conhecimento novo do que as sociedades num estágio de desenvolvimento pré-científico. Elas também produzem, com muita freqüência, uma dúvida incômoda quanto ao modo de existência dos objetos independente de nós próprios. São exemplos claros do fato de que o novo conhecimento não é só produzido de acordo com o estágio de desenvolvimento característico de uma sociedade num determinado período. As teorias do conhecimento dominantes utilizam como modelo uma condição pela qual o conhecimento poderia ser produzido por um indivíduo isolado. Elas prestam pouca atenção aos problemas encontrados quando se tomam em consideração as condições sociais de produção do conhecimento. Se tal for feito, as questões epistemológicas do tipo cartesiano ao kantismo perdem uma larga parte do seu valor cognitivo. Questões como do uso e do significado dos termos causais na sociedade em geral deslocam-se

para o centro do campo de problemas. Kant (como outras pessoas) apreendeu como um aspecto da sua língua materna o conceito de uma explicação em geral, em particular, de explicações sob a forma puramente secular e totalmente impessoal de uma relação de causa-efeito só pode ser adquirido enquanto parte dos usos sociais da sociedade de que se é membro. A observação de Hume de que o conceito de uma relação causal não pode ser explicado com a base nas experiências pessoais de um único indivíduo é inteiramente correta. Ele representa um nível de síntese conceitual que ultrapassa as experiências pessoais de um indivíduo humano. Pressupõe uma capacidade de ligação entre acontecimentos a um nível que nenhuma pessoa individual pode alcançar sem o auxílio das demais experiências de outras pessoas. Pressupõe uma constituição biológica de uma espécie que os seus membros individuais podem aprender, armazenar e agir sobre experiências realizadas e transmitidas a uma pessoa através de uma longa linha de gerações antecedentes. (ELIAS, 2002, p.15-16).

A língua se descortina para o autor em uma função dual significativa: une e desune; integra e desintegra. Isto se explica, para ele, porque os seres humanos são membros de uma espécie, porém integram sociedades distintas. Logo, se é óbvio que o potencial de comunicação através de uma língua consiste em uma herança biológica inata, igualmente também o é que este potencial natural da comunicação lingüística só é operativo caso ativado em um processo social de aprendizagem individual. A linguagem exige, conclui, um grupo e grau específico de integração. Sua força vinculativa advém do fato de constituir-se em um cânone unificado das expressões e, com isto, impõe-se aos círculos de pessoas que a utiliza com a finalidade de realizar sua função comunicativa. Para ele, a existência de outros seres humanos no presente, como em outras gerações, define a língua por uma existência que precede o indivíduo, mas integra sua personalidade. Sob esse último aspecto, enquanto na evolução o que se transmite são informações genéticas, destaca Elias que, nos processos de desenvolvimento, os símbolos são os insumos da comunicação, veiculando não apenas conhecimento, mas também – por

exemplo - os padrões de comportamento e de sentimentos. Mas se a língua é a mais característica das linguagens humanas, isto não permite confundir a constituição biológica da espécie, dotando-a da propensão à aquisição de uma língua, mediante o aprendizado individual em tenra infância, com a idéia de estarem os mesmos indivíduos dotados naturalmente de uma língua.

Debruça o autor diante do "enigma" da evolução biológica humana. O que lhe interessa descortinar são os passos intermediários entre a pauta de sons inatos, fixados geneticamente, parte do equipamento de comunicação conhecido também por outros animais, e o equipamento biológico específico à espécie humana. Esta toma-se apta a adquirir o suporte representacional da linguagem com o auxílio de um processo de aprendizagem. Os dilemas gerados pela linha tênue da diferença estabelecida entre evolução e desenvolvimento no tocante ao uso de sons pelos humanos incitam, uma vez mais, Elias a reclamar dos transtornos provocados pelas barreiras erguidas entre as disciplinas, no caso, aquelas separando biologia e sociologia. Fronteiras a seu ver "mal definidas", afinal se mostrariam pouco produtivas e, principalmente, restritivas à distribuição de tarefas em que ao biólogo cabe estudar os traços genéticos e os sociólogos se ocupariam de tudo quanto é obtido por intermédio da aprendizagem. Inconformado, ele afirma, para denunciar:

Mas a relação entre as espécies pré-humanas e a espécie humana tem o caráter de um processo. É uma pura ficção a expectativa de que, um dia, poderão emergir fronteiras claras e rigorosas entre as ciências biológicas e humanas comparáveis as fronteiras nacionais. Tal deixa inexplorado todo o campo intermediário entre as possíveis espécies ancestrais, mais semelhantes aos macacos, e a espécie humana e, deste modo, também permanece inexplorada a possibilidade de melhorar a compreensão do caráter distinto do desenvolvimento humano. (ELIAS, 2002,p.26).

A imensa aptidão humana para "armazenar na memória e para recordar a partir dela, se necessário, as experiências pessoais, que é uma das condições para aprender a usar uma língua" teria exigido, especula Elias, uma evolução muito mais longa e uma linhagem de descendência bem mais complexa do que a interpretação cuja proposta encerra na passagem ao estágio homínídeo

uma semelhante matriz biológica dos macacos (ELIAS, 2002, p.27). Permanece encoberta, para ele, as implicações mais sutis dessa competência mnemônica no por que, mesmo frente aos simiescos, a humanidade galgou posição mais destacada na luta pela sobrevivência. Entende estarem ocultos os elos intermediários entre os humanos e os macacos, por terem desaparecido as formas de vida dispostas nessa mediação. Nesse sentido, em pouco contribui recorrer a palavras como "mente" e "intelecto" para dar conta dos aspectos contingenciais das pugnas em que se foram selecionando seres humanos e algumas espécies de macacos. Tal solicitação, ao contrário, teria proporcionado equívocos na compreensão mesma do movimento até a aprendizagem dos sons. Amparados na tese sobre a origem comum em um mesmo ancestral, alguns pesquisadores procuraram ensinar a jovens macacos as línguas humanas, fazendo vista cega à natureza evolutivamente específica das condições biológicas elementares à emergência da técnica de comunicação por meio de símbolos socialmente padronizados".

De posse das bases empíricas que demonstram a elevada generalidade do desaparecimento de elos intermediários nos processos evolutivos das espécies, Elias faz uso da categoria de "evolução ótima" para nomear a idéia de que os processos evolutivos ocorrem sob certas condições e decorrem durante algum tempo em uma direção específica e, depois, cessam em determinado estágio. Em relação à comunicação lingüística, à maneira como hoje a conhecemos, teria resultado de aspecto vinculado a um curso evolucionário cuja longa continuidade cessou ao atingir uma forma ótima. Ao contrário, entende o autor, não teria se encerrado o desenvolvimento das línguas e,

²⁵ Também o antropólogo Michael Tomasello aponta aos destinos distintos da evolução entre primatas e humanos em decorrência da conexão entre história e cultura nos últimos: "Em geral [...], pode-se dizer que as tradições culturais humanas distinguem-se das tradições culturais dos chimpanzés - bem como dos outros poucos casos de cultura observados em outras espécies de primatas - precisamente pelo fato de acumularem modificações ao longo do tempo, ou seja, pelo fato de terem 'histórias' culturais. Acumulam modificações e têm histórias porque os processos de aprendizagem cultural que elas subjazem são particularmente poderosos. E esses processos de aprendizagem cultural são particularmente poderosos porque se baseiam na adaptação cognitiva exclusivamente humana para compreender os outros como seres intencionais iguais a si mesmo, que criam formas de aprendizagem social que agem como uma catraca, preservando fielmente estratégias recém-inovadas no grupo social até que haja outra inovação para substituí-la" (TOMASELLO, 2003, p.54-55).

neste aspecto, estaria o elo entre a maior proximidade e o distanciamento dos traços biológicos daqueles sociais na evolução hominídea.

A distinção entre ciências biológicas e sociais é bem mais tênue do que fazem crer as barreiras disciplinares erguidas, afinal - afirma Elias - se a natureza fornece a matriz, esta permite transformações sem limites precisos. Deste modo, se a evolução é irreversível, o desenvolvimento corresponde a movimento sujeito à reversibilidade. No âmbito hominídeo do cosmo, as técnicas utilizadas pelos seres humanos são de propriedades simbólicas e isto significa a propensão à absorção, armazenamento e redefinição dos conhecimentos inter-geracionalmente transmitidos. Sem necessariamente estar o conhecimento restrito a qualquer tempo e espaço em particular, o que permite o aumento no estoque de saberes. Algo assim se toma possível mediante o que denomina de "continuum biológico-social", isto é, o processo de estandarização do aparelho orgânico da pessoa infantil pelos padrões de uma língua.

Ao tratar os seres humanos como inscritos no que chama de "plano pós-animal" da evolução, em sua característica de elevada adaptabilidade, Elias argumenta que as representações dos objetos são incontornavelmente calcadas em tradições sociais. Neste momento, nos aproximamos do sentido histórico-universal da abordagem sociológica por ele empreendida. E isto se realiza sob dupla face. De um lado, temos a ênfase na premissa de que a dominação da natureza está diretamente relacionada ao estoque e à ampliação do conhecimento, por intermédio do meio simbólico de comunicação. Ora, por esta mesma senda, por outro lado, percebemos que a sua concepção de síntese sócio-humana é elucidada justamente na teoria da "quadrimensionalidade dos símbolos na condição humana". Ou seja, dimensão delimitada para além das quatro dimensões, na qual teriam primazia os artefatos convencionados, os quais simultaneamente corresponderiam a meios de comunicação e pontos de inflexão fundamentais aos exercícios de identificação e reconhecimento individual e coletivo. Dimensão cuja base seria simbólica, logo tudo quanto vive e existe apenas tornar-se-ia acessível ao se fazer sujeito ou objeto de comunicação obediente a padrões sócio-historicamente fixados. A língua condiz, então, com a imagem da teia de padrões sonoros produzidos pelos seres humanos que se desenvolvem em um determinado grupo humano, e neste círculo foram as pautas sonoras estandardizadas como tópicos específicos de comunicação.

O tema da estandartização remete ao problema em tomo do significado e este, por sua vez, re-introduz a velha discussão a respeito da sociedade, na emulação entre sociólogos (de um lado) e economistas liberais de outro. Os primeiros perseverando a favor da defesa dos arranjos sociais como unidades na diversidade e, portanto, não redutíveis à figura elaborada pelos economistas de um amontoado de indivíduos. Ao mesmo tempo, isto não quer dizer a redução coletivizadora das características plásticas e adaptáveis do indivíduo humano. Voltando à língua, o autor argumenta ser esta, enquanto fator inter-geracional de padronização simbólica, básica à orientação dos padrões sonoros, isto é, na condução das representações simbólicas dos mesmos tópicos de comunicação. Já os tópicos de comunicação compreendem uma orientação por meio de frases e das palavras que permite determinada flexibilidade no ajuste a situações variáveis. Conclui-se que a operação simbólica da humanidade consiste na análise e síntese de conhecimentos, permitindo-lhe orientar e dirigir o comportamento.

Se falar, pensar e conhecer são sinônimos do manusear símbolos, duas considerações podem ser estabelecidas, de acordo com Elias. A primeira se efetiva na asseveração de que a atividade de pensar (razão) não condiz com os limites da epistemologia; já que compreende movimento posto em elevada integração, esta se dá no andamento do aprendizado de uma língua e na participação de uma pessoa no discurso público. Conseqüentemente, a lógica do argumento sublinha que a constelação de línguas e suas diferentes versões assinalam as respectivas estruturas e também a hierarquização relativa aos equilíbrios de poder e o estatuto no interior dos grupos e entre eles. Em tal correlação, afirma o autor, decide-se, na longa duração do desenvolvimento de uma sociedade, a conexão som, símbolo e função ou o objeto simbolizado. Confluência que, do ponto de vista individual, é fortuita. No entanto, a linguagem supõe o nexa entre coesão e comunicação, fantasia e razão, mas estes quatro aspectos se reverberam em representacionalidades e sínteses. Infere Elias, as sínteses são imagens diretamente vinculadas à memória, aos dispositivos relativos a específicos domínios de lembrança em que são mobilizados os fundos sociais de conhecimento, graduados no andamento no qual o saber pode vir a ser posto em congruência com a realidade. Os desenvolvimentos desvelam que problemas e soluções de um estágio posterior supõem a elucidação de problemas de um estágio anterior. O aceno otimista, bem próximo a Hegel, Comte e Marx, porém, é diluído

na lucidez de reconhecer que, se o conhecimento pertence a um vasto campo ontologicamente ligando natureza, sociedade e cultura, é evidente o lugar decisivo ocupado pelas lutas na emissão e recepção dos sentidos, na condensação simbólica das experiências.

O núcleo do esquema eliasiano consiste, portanto, em como apreender conceitualmente a maneira de definição histórica das cadências das práticas na direção de um sentido, e para isto toma por lócus empírico as cadeias entrelaçadas de interdependências sócio-funcionais. Porém, o encadeamento e as circunstâncias não são considerados externos às pessoas, pois compreendem os relacionamentos entre estas e decorreria daí o fator de equilíbrio entre controles e restrições às descargas pulsionais pelo qual ocorre a modelação específica de toda a personalidade. O processo civilizador corresponde, assim, a um evento psicológico e societal ao mesmo tempo, afinal traduz as mudanças em toda constituição humana – suas paixões, idéias, conhecimentos. A economia pulsional ou dos afetos" está, conclui-se, na contrapartida da plasticidade própria às vicissitudes evolutivas que redundaram na espécie e no gênero humano caracterizado pela interseção entre as baixas pautas de determinações biológicas e a propensão de se dotar sócio-historicamente de gabaritos de refreio dos impulsos, manifestos em pautas de autocontrole:

As energias da libido que encontramos em todos os seres humanos já foram socialmente processadas, foram, em outras palavras, transformadas sociogeneticamente em

²⁶ Embora faça sensíveis alterações para introduzi-la no escopo da sua psicogênese do autocontrole do agente civilizado europeu, é notório o empréstimo realizado por Elias da teoria das pulsões de Freud, principalmente a parte correspondente aos destinos da libido na montagem do "complexo de Édipo". Interessa ao sociólogo os ajustes contidos na interpretação freudiana sobre a inserção do narcisismo e da identificação no psiquismo, pois transformariam o indiviso no conjunto psíquico, em que o desejo desempenha importante papel na dialética da relação do "mesmo" e do "outro". Desde então, as parcelas renunciadas da satisfação pulsional, por intermédio de restrições das descargas, traduzir-se-iam no incremento da agressividade incorporada pelo superego, o qual se tomaria mais severo e a cultura se estabeleceria como instância auto-repressora. O teatro da castração se desenvolveria ao se tratar o superego do "pai despersonalizado" encarregado da tarefa de proteção do "Eros". Ou seja, mediante sua atuação, o "Eros" sublimado se projetaria sobre o "Eros" sexual na constituição do amor-de-si capacitado a combater a pulsão de morte, no ritmo de adiamentos em favor da supressão da pulsão (MEZAN/ 1991, p.301).

sua função e estrutura e, de maneira alguma, podem ser separadas das correspondentes estruturas do ego e do superego. Os níveis mais animais e automáticos da personalidade do homem não são nem menos importantes para a compreensão da conduta humana do que seus controles. O que importa, o que determina a conduta, são os equilíbrios e conflitos entre pulsões maleáveis e os controles construídos sobre as pulsões. (ELIAS, 1993, p.74).

Os enunciados de Elias escapam à impropriedade da premissa de enxergar nos sistemas simbólicos apenas epifenômenos de infra-estruturas (econômica, social) e exultam a acolher, em lugar disso, a perspectiva de que os modos de classificar e os dispositivos de inteligibilidade e comunicação tanto revelam como constituem as situações mesmas das relações sociais. Isto abre a possibilidade para entender as significações como fatores que constroem as possibilidades das pessoas exercitarem suas sensibilidades enquanto gestos possíveis de reconhecimento. Ao mesmo tempo, a proposta do autor assinala que, se a modelagem desses gestos plasma os significados, o faz em correlação com a maneira como as interdependências humanas configuradas nas suas especificidades históricas sancionam os limites dos formatos das linguagens e das agências habilitadas à delimitação simbólica dessas mesmas formações sociais.

Considerações Finais

O argumento desenvolvido ao longo deste artigo pautou-se pela tentativa de observar como se estabelece a relação entre memória, teoria do conhecimento e linguagem na obra de Norbert Elias. Deste modo, dos sinais presentes aos rastros da sua biografia pessoal e intelectual, perseguimos a maneira como o autor propõe um esquema teórico-analítico articulado na conjunção entre configuração e processos de longa duração para apreender e conceituar a dinâmica histórica da civilização ocidental moderna. E isto conduziu à proposta de teoria do conhecimento eliasiana, na qual memória e linguagem ocupam posição central na interpretação do autor sobre a maneira como se daria a modelação das pulsões humanas, na medida em

que as pessoas estão dispostas encadeadas umas às outras, provocando interpenetrações mútuas.

Uma das alternativas teóricas e analíticas deixadas pelo esquema eliasiano diz respeito ao modo de tratar de determinadas categorias do entendimento tomando-as como meios de orientação da ação, por sintetizarem simbolicamente acervos coletivos de experiências e fornecerem certezas à apreensão e reconhecimento por parte de pessoas e grupos, favorecendo a tomada de posições desses últimos no espaço e tempo. Isto equivale reconhecer que tais molduras do entendimento humano são estruturas gnosiológicas, mas são estruturas relativas a processos sócio-históricos de estruturação de símbolos de comunicação e orientação dos atos. Ou seja, aquelas categorias constituem práticas humanas elevadas à condição de modelos de outras práticas pelo alinhamento histórico de certas agências humanas em arquiteturas institucionais consagradas na distribuição do conhecimento coletivo. Para tais *a priori* se internalizarem nas disposições das pessoas requerem processos de aprendizado possíveis em situações de interação mediante linguagens; situações concatenadas com determinações históricas que engendram objetividades institucionais, em meio a equilíbrios de poder entre facções sociais. Desde que realizada a incorporação deste saber, uma realidade se toma familiar, natural, na maneira mesma como ocorrem atitudes que as estendem.

A problemática do saber incorporado, portanto, evade-se dos limites dos dispositivos mentais, envolvendo os processos de integração simbólica. São estes inscritos nas estruturas de coordenação e hierarquização das práticas historicamente condizentes com os equilíbrios de poder e com os estatutos normativos endógenos às unidades de experiência sociais, nas interdependências destas com suas congêneres. Torna-se primordial, para tanto, o mapeamento das propriedades constituintes dos fatores que constroem a lembrança. Isto porque elas condicionam o leque dos conteúdos selecionados pelos indivíduos. Ou, ainda, no momento em que fornecem as categorias que informam a naturalização da memória como uma atividade de construção/reconstrução do passado e um dispositivo elementar ao empenho de conferir inteligibilidade aos gestos e seus entornos. Mas também porque interferem no modo como ocorre o reconhecimento por parte do agente de situações com seus personagens e cenários. Algo assim coloca em jogo as retomadas ou as correções na possibilidade de narrar e, com isto, dizer a história. De

imediatamente é aberta uma janela conduzindo ao tema da narrativa, mas se narrar é dizer o compreensível, ao analista se impõe a escuta das possibilidades mesmas do dizer. Entendendo por "falar" não somente a competência verbal e seus condicionantes semânticos e gramaticais; principalmente, diz respeito ao expressar-se, enfim, às linguagens, na medida em que estas constituem a cumplicidade mesma entre o caos, isto é, a continuidade fluida, e os nomes, os sentidos. Por outro lado, o entendimento do significado dos condicionamentos, de antemão, apresenta limites à apreensão da idéia de linguagem. Afinal, não se trata de reter apenas nas manifestações simbólico-comunicativas sintaxes, em busca de hipotéticas regras subjacentes a todo aprendizado e ao pensamento; regras que habilitariam o indivíduo humano à fala inovadora permanente, mas consistente e adequada aos contextos de interlocução, não circunscrita aos determinantes do estímulo. Talvez, o relato das reminiscências eliasianas permita retomar ao tema do entendimento humano e da compreensão social, mas da perspectiva dos ajustes histórico-sociológicos entre os equilíbrios de poderes intrínsecos a certos graus de interdependências sócio-funcionais e as distribuições de recursos valorizados enquanto propriedades simbólicas e discursivo-expressivas que competem, seja para delinear arranjos intersubjetivos, seja para o atendimento ou não na composição de imagens de mundo e auto-imagens envolvidas com afetividades.

Referências Bibliográficas

- ARNASON, JOHANN .1987. Figural sociology as a counter-paradigm. London, *Theory, Culture & Society* vol.04 n.02-03, June.
- ARSUAGA, JUAN LUIS. 2005. *O Colar do Neandertal: em Busca dos Primeiros Pensadores*. SP: Globo.
- BOGNER, ARTUR. 1982. The Structure of social processes: a commentary on the sociology of Norbert Elias. Belmont, *Sociology*, n. 20.
- BROWN, DENNIS. 1997. Conversation with Norbert Elias. London, *Group Analysis*, vol. 30, SAGE.

CASSIRER, ERNEST. 2001. *A Filosofia das Formas Simbólicas: I - A Linguagem*. SP: Martins Fontes.

_____. 2003. *O Mito do Estado*. SP: Codex.

DUNNING, ERIC; MENNELL, STEPHEN. 1979. Figurational sociology: some critical comments on Zygmunt Bauman's in: *The Phenomenon of Norbert Elias*. Belmont, *Sociology*.

DUARTE, LUIS FERNANDO DIAS. 2004. A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 19 n.55, junho.

DURÁN B., PEDRO. 1998. Norbert Elias y la sociología del conocimiento In: PEREZ RIVERA, Hesper Eduardo (editor): *Norbert Elias. Un Sociólogo Contemporáneo - Teoría y Método*. Bogotá: Fondo de Ediciones Sociológicas.

ELIAS, NORBERT. 1971. Sociology of Knowledge: new perspective. Belmont, *Sociology*, n. 05, p. 149-168.

_____. 1987a. The retreat of sociologist into the present. London, *Theory, Culture & Society*, n.04.

_____. 1987b. On human beings and their emotions: a process-sociological essay. *Theory, Culture & Society*, n.04.

_____. 1987c. The changing balance of power between the sexes. A process-sociological study: the example of the ancient roman state. *Theory, Culture & Society*, n.04.

_____. 1993. *O Processo Civilizador (Parte Dois)*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2 volumes.

_____. 1994. *A Sociedade dos Indivíduos*. RJ: Zahar Editor.

_____. 1994a. *Conocimiento y Poder*. Madrid: La Piqueta.

_____. 1995. *Mozart: sociologia de um gênio*. RJ: Zahar Editor.

- _____.1997. *Os Alemães*. RJ: Jorge Zahar Editor.
- _____. 1997. Towards a theory of social processes: a translation. London, *British Journal of Sociology*, vol. 48 n.03 .
- _____.1998. *Envolvimento e Alienação*. RJ: Bertrand Brasil.
- _____.1998. *Sobre o Tempo*. RJ: Jorge Zahar Editor.
- _____.1999. *O que é Sociologia*. Lisboa: Edições-70.
- _____.2001. *Norbert Elias Por Ele Mesmo*. RJ: Jorge Zahar Editor
- _____.2002. *Teoria Simbólica*. Oeiras: Ceuta.
- GEERTZ, CLIFFÜRD.1989. *A Interpretação das Culturas*. RJ: LTC.
- HABERMAS, JÜRGEN.1987. *Para Reconstrução do Materialismo Histórico*. SP: Brasiliense.
- _____.1999. *Teoria de la Acción Comunicativa, vol. I*. Madrid: Taurus, 2 volumes.
- HEGEL, FRIDERICH W. 1968. *Science de la Logique (Deuxième Tome: La Logique Subjective ou Doctrine du Concept)*. Paris: Aubier Montaigne.
- HÜNNETH, AXEL AND JOAS, HANS.1988. *Social Action and Human Nature*. Cambridge, New York, New Rochelle, Melbourne, Sidney: Camdridge University Press.
- HUNT, LYNN. s.d.. Apresentação: história, cultura e texto **in** Lynn Hunt (org.): *A Nova História Cultural*. SP: Martins Fontes.
- LAPENIES, WOLF. 1996. *As Três Culturas*. SP: Edusp.
- MANTILLA, LUZ TERESA GÓMEZ DE. Norbert Elias, aproximación a su propuesta metodológica. **in**: PEREZ RIVERA, Hesper Eduardo (editor):

Norbert Elias. *Un Sociólogo Contemporáneo - Teoría y Método*. Bogotá: Fondo de Ediciones Sociológicas.

MANNHEIM, KARL. 1952. On the Interpretation of Wetanschaung. In: MANNHEIM, Karl: *Essays on the Sociology of Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul.

MEZAN, RENATO. 1991. *Freud: a Trama dos Conceitos*. SP: Perspectiva.

OLIVEIRA, ROBERTO CARDOSO. 1988. *Sobre o Pensamento Antropológico*. RJ: tempo Brasileiro/CNPQ.

POLLAK, MICHAEL. 1996. MAX WEBER: elementos para uma biografia sociointelectual Partes I e II. *Mana*, Estudos de Antropologia Social, vols. 1 e 2 n. 1 e 2, RJ: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

QUINTANEIRO, TÂNIA. 2006. The concept offiguration or configuration in Norbert Elias' sociological theory. Belo Horizonte, *Teoria e Sociedade*, vol 2.

RINGER, FRITZ K. 2000. *O Declínio dos Mandarins Alemães*. SP: Edusp.

SMITH, D. 1991. *The Rise of Historical Sociology*. Cambridge, Polity Press.

— — — —. 2001. *Norbert Elias and Modern Social Theory*. London, Sage.

SZAKOLCZI, ARPAD. 2000. *Reflexive Historical Sociology*. London and New York: Routledge.

RECKWITZ, ANDREAS. 2002. Toward a theory of social practices. A development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5 (2).

TOMASELLO, MICHEL. 2003. *Origens Culturais da Aquisição de Conhecimento Humano*. SP: Martins Fontes.

TORRE, RAMÓN RAMOS. 1994. DeI aprendiz de brujo a la escalada reflexiva: el problema de la historia em la sociologia de Norbert Elias. Madrid, *REIS*, n.65.

WAIZORT, LEOPOLDO. 2000. *As Aventuras de Georg Simmel*. SP: Editora 34.

WEBER, MAX. 1992. A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política. In: TRATEMBERG, MAURÍCIO (org.): *Metodologia das Ciências Sociais. Max Weber, Parte 1*. Campinas: Ed. Cortez/Unicamp, 2 vols.